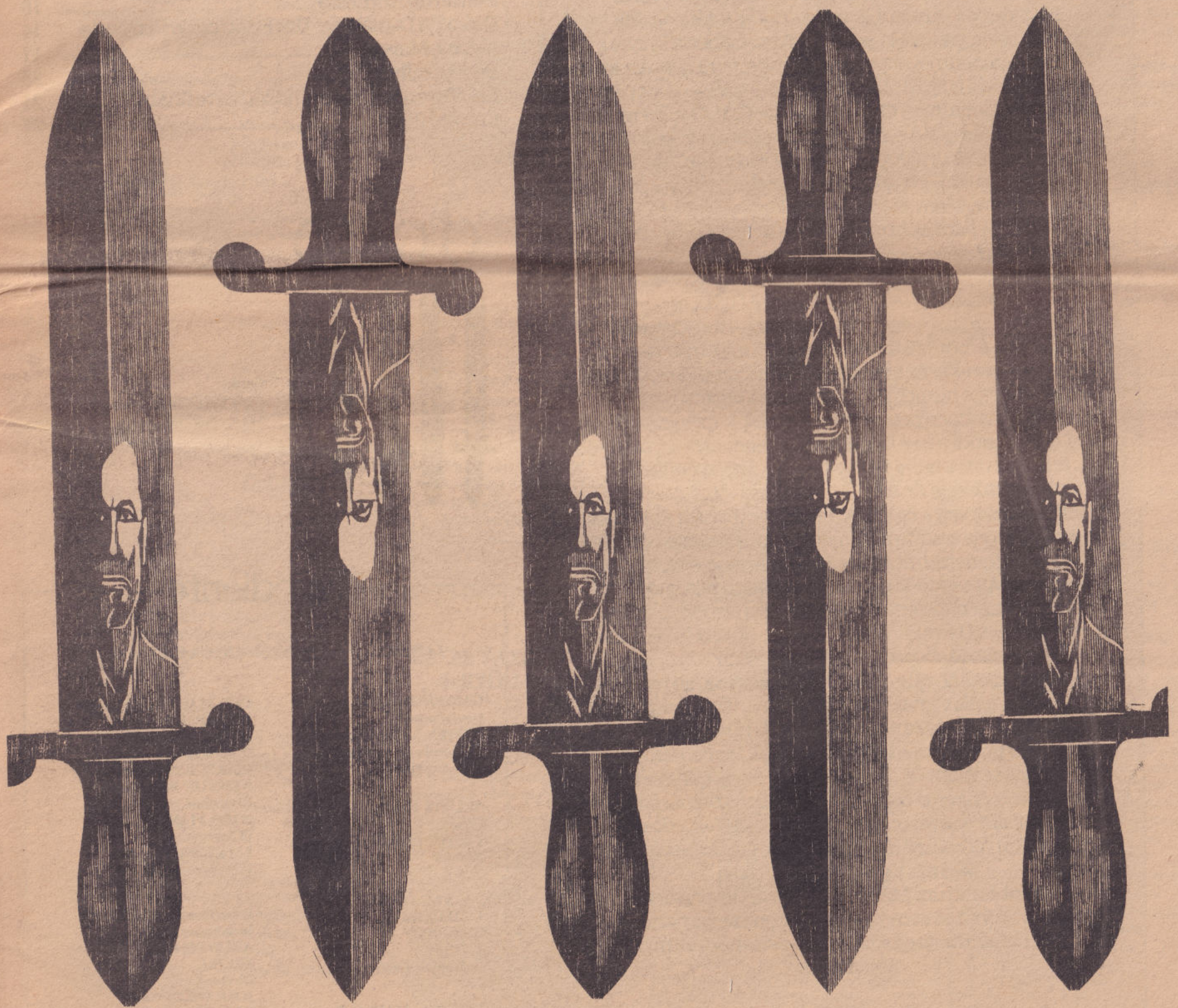
O GALO

JORNAL CULTURAL - IX - Nº 07 - NATAL/JUL/97

FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO/DEPARTAMENTO ESTADUAL DE IMPRENSA DO RN



Oswaldo, Oswaldos...

Afora uma ou duas matérias desta edição, tudo o mais gira em tom de homenagem ao escritor Oswaldo Lamartine, um dos luminares desse difuso saber chamado pela romancista Rachel de Queiroz, com muita propriedade, de 'sertanologia'. Seria preciso evocar Euclides da Cunha e os romancistas regionalistas nordestinos, passando pelo sociólogo Gilberto Freyre e desembocando em Câmara Cascudo, para rastrear as origens dessa cultura nova que amadurece nos livros de Oswaldo Lamartine. Com razão, este GALO se soma às comemorações que o escritor recebe agora por parte da III Semana de Cultura Popular - promovida pela Fundação José Augusto - ele que sempre foi um pesquisador comprometido com as fontes populares da cultura. Basta que se atente para os títulos de seus livros: *Vocabulário do Criatório Norte-Rio-Grandense, Conservação de Alimentos nos sertões do Seridó, Ferros de Ribeiras do RN, Apontamentos sobre a Faca de Ponta*, etc.

Visto a partir do conjunto de sua obra, Oswaldo Lamartine é, porém, um escritor múltiplo, haja vista os diversos Oswaldo Lamartine que avultam das matérias editadas neste número. Cada autor transporta para seu centro de gravidade pessoal a imagem do saber gerado por O.L. Nei Leandro o vê "mais feliz e reencontrado, no seu território livre onde os aboios não pagam multa", e manifesta o desejo de senti-lo 'sertanejo total'. Rachel de Queiroz o compara a um "anjo magro", provedor das coisas do sertão, e a ele credita informações substanciais contidas no seu *Memorial de Maria Moura*. Ariano Suassuna prefere surpreendê-lo enquanto acalenta mitos que ele próprio desenvolveria em seu projeto armorial. Para Vicente Serejo, Oswaldo é "um príncipe do sertão de nunca-mais". Virgílio Maia prefere nele visualizar como aquele midas proustiano que o devolveu à infância, ao reavivar lembranças meio esmaecidas "de magro menino sertanejo, passada no interior do Ceará. J. Medeiros, quem diria!, perscruta por trás dos labirintos oswaldianos, inauditos caminhos semióticos, "dentro da instância que Barthes definiu como 'Sistema da Moda'". Frederico Pernambucano se confessa "cativo do rigor cristalino dos estudos de Oswaldo" e vai compará-lo a um velho corsário saído das páginas de Herman Melville!

Plural como um Mário de Andrade, impermeável ao rigor dos conceitos como o sertão de que se faz porta-voz, Oswaldo Lamartine cresce como um assombro num mundo liliputiano.

O Editor

Índice

No embalo da rede, no alpendre	03
Um Sertanejo Total	05
Oswaldo Lamartine	06
Um Mito Sertanejo em Oswaldo Lamartine	08
Mestre Oswaldo	11
Breve Perfil Oswaldeano	12
III Encontro de Cultura Popular	14
Sertão do Nordeste	16
Oswaldo Lamartine: Um Principe do Sertão de	14
Nunca-Mais	17
Bibliografia	23
Paráfrase de um Aprendiz (Parte final)..	24
Correio do Galo	27

Capa:
Ciro Fernandes (arte)
Marcelo Mariz (programação visual)

Expediente

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

GARIBALDI FILHO
Governador
WODEN MADRUGA
Presidente da Fundação José Augusto

NELSON PATRIOTA
Editor
TÁCITO COSTA
Redator

DÁCIO GALVÃO
J. MEDEIROS
GILBERTO ALVES
Concepção Gráfica

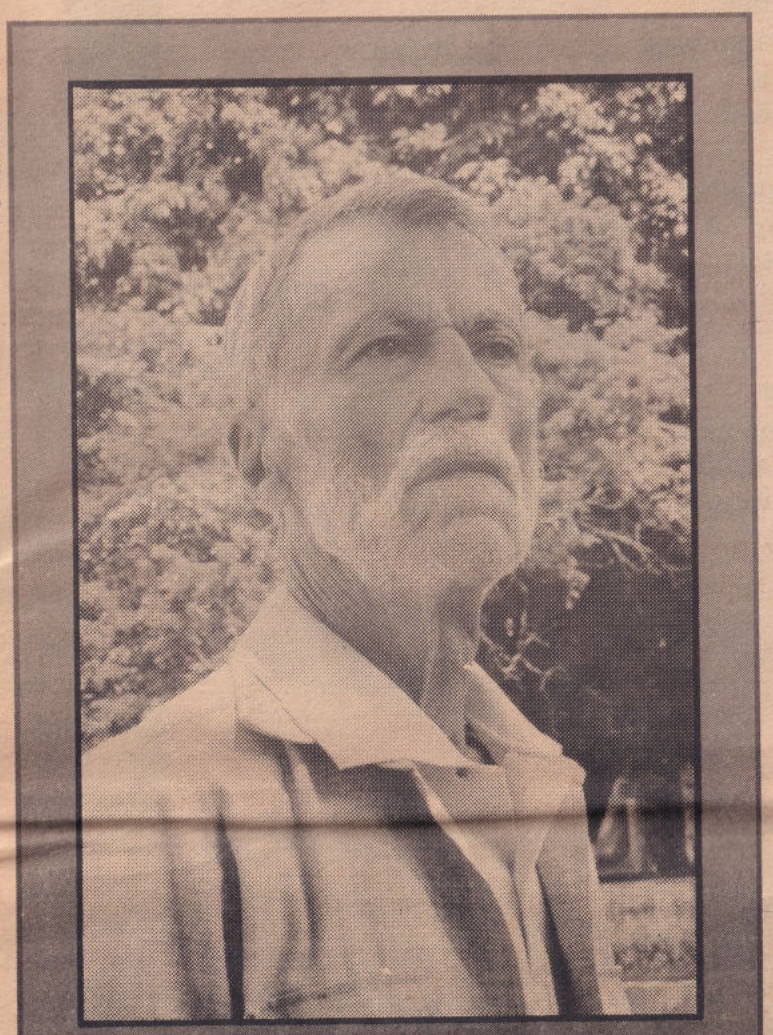
BRÍGIDA MAFRA E SOCORRO SOARES
Editoração Eletrônica

OSWALDO LAMARTINE DE FARIA (Vinhetas)
POTY LAZZAROTO (Capitulares)
PERCY LAU (Desenho)
NEWTON NAVARRO (Desenho)
JOÃO VIANNEI (Xilogravuras)
EMANOEL DUARTE (Xilogravuras)

Departamento Estadual de Imprensa
ARLINDO DE MELO FREIRE
Diretor-Geral
JOSÉ WILDE DE OLIVEIRA CABRAL
Assessor de Comunicação Social

Redação: Rua Jundiaí, 641, Tirol - Natal-RN - CEP 59020.220 - Tel (084)221-2938/2212939. A editoria de O Galo não se responsabiliza pelos artigos assinados. Eles não refletem necessariamente a opinião deste jornal.

FOTO: ARGEMIRO



Oswaldo Lamartine de Faria

No embalo da rede, no alpendre

Com a reserva dos velhos sertanejos, o escritor Oswaldo Lamartine interpreta como mera 'conspiração de amigos' a homenagem que recebe na III Encontro de Cultura Popular, promovido pela Fundação José Augusto, ao mesmo tempo em que lança, em reedição também patrocinada pela FJA, o *Vocabulário do Criatório Norte-Rio-Grandense*, enriquecido com novos verbetes. É deste e outros assuntos que trata a entrevista que o escritor concedeu à equipe de O GALO, aí incluída a bibliofilia - outra paixão que cultivou sob formas tão diversificadas. A cultura dos ferros de ribeira, marca de suas origens dos sertões, também comparece em sua prosa, habitualmente lacônica. A ela, Oswaldo, modestamente classifica de 'rabiscos de desocupado'. Apesar dessas reservas e do recurso quase constante à economia vocabular, depreende-se na entrevista que o escritor permanece atento a questões regionais como o movimento armorial, entre outras, e evoca com nostalgia as imagens do velho sertão.

ENTREVISTA

O GALO: O que mais influiu para sua decisão de optar pelo estudo da "sertanologia", isto é, das coisas e pessoas do sertão nordestino?

OSWALDO: Sou caçula de uma ninhada de 10. Estudei numa escola de agronomia. Escutei a conversa dos amigos de meu pai - conversa evocativa de velho. Nas eras de 40 trabalhava na fazenda com ele e três parentes - memorialistas de rede no alpendre... Deu nisso.

O GALO: O que define melhor esse estudo, em termos materiais?

OSWALDO: Fixar.

O GALO: Como você se auto-define: antropólogo, folclorista, historiador...?

OSWALDO: Anotador.

O GALO: Como você interpreta essa homenagem que lhe fazem agora os artistas populares e intelectuais, especialmente do Nordeste, através do III Encontro de Cultura Popular da Fundação José Augusto?

OSWALDO: Conspiração de amigos.

O GALO: Quais as suas principais impressões hoje, acerca desse universo chamado sertão?

OSWALDO: O sertão velho, como dele ainda restos conhecí, a talidomida do asfalto, do automóvel, da eletrônica e de toda essa parafernália moderna o que vem desembestadamente desfigurando. São as raízes do homem em todos os caminhos da terra.

O GALO: Em que projetos você trabalha, no presente?

OSWALDO: Esbarrei quando interei os 70.

O GALO: Que lições, além das de ordem estética, se podem extrair do estudo dos ferros de marcar gado que são, segundo a escritora Rachel de Queiroz, objeto de seu grande interesse?

OSWALDO: Os da heráldica, sem o risco de bastardia da fofoca, das alcovas alheias, das versões duvidosas - ingredientes da História de todos os tempos.

O GALO: Sua "sertanologia" (conceito emitido por Rachel de Queiroz) tem pontos em comum com o movimento armorial, de Ariano Suassuna? Em caso afirmativo, quais?

OSWALDO: Por certo eles gostam mais ou menos das mesmas coisas. Mas o diabo é quem sabe...

O GALO: Percebe-se em seus livros uma representação gráfica esmerada. Artistas da estatura de Poty Lazzaroto, Ciro Fernandes, Percy Lau, ilustraram seus textos, criaram capitulares dentro de uma rusticidade pictural incomum. Os créditos, o colofão, o papel são elementos essenciais, algumas vezes indissociáveis do objeto livro. Como você vê essa contribuição?

OSWALDO: Os ilustradores Percy Lau, Poty Lazzaroto e Ciro Fernandes foram os melhores que conheci. Os aleijões de diagramação, papel etc., em **Uns fesceninos** e a ausência de capitulares na primeira edição do **ABC da pescaria** correm por conta dos editores.

O GALO: A concepção que você gerou de uma tapeçaria em ponto de cruz e arraiolo com ferro da ribeira do seridó, ciclo da pecuária, pictogramas rupestres, ciclo do algodão, ferros de marcar bois revela inevitável, uma apreensão estética armorial. Fale sobre isso.

OSWALDO: Minha mulher (Ludy Veloso), fazia tapetes para espantar o frio de Itaipava (150 metros de altitude). Alguns modelos da Burda - alemã - eram bonitos mas que pouco ou nada nos diziam. Daí rabisquei aqueles que estão no livro dos ferros - com bois, ribeira, inscrições rupestres do seridó e os ferros avoengos. Rabiscos de desocupado.

O GALO: No seu livro **Ferros de Ribeira do Rio Grande do Norte** você alerta para a riqueza plástica de alguns deles e de tantos outros que estão a merecer uma melhor valorização por parte dos nossos artistas. Essa observação/sugestão ainda é válida?

OSWALDO: "Demos um pouco de folga/ a tanta coisa estrangeira / que essa terra brasileira / tem muito e muito que dar". Isso é um verso de Catulo da Paixão Cearense que me veio agora, à falta de melhor explicação (Cito de oitiva).

O GALO: A idéia de criar no RN um "clube de bibliófilos" revela um escritor preocupado com raridades bibliográficas. **Uns fesceninos** (1971/Rio/Artenova), uma vez enumerados e assinados pelo autor assim como **Apontamentos sobre a faca de ponta** (1988/Coleção Mossoroense), onde cinqüenta exemplares foram enumerados de 01 a 50 e em seguida rubricados, seriam exemplos da aura do livro somente acessível a uns poucos colecionadores?

OSWALDO: A "Indez da Ema" era um clube de bibliófilos que cuidamos em criar - eu e Hélio Galvão - reuniria uns 30 a 40 sócios para editar inéditos de importância para o estado (poucos volumes); numa coleção padronizada impressa em prelo manual, com ilustração de artistas da terra, diagramação "primitiva" - tudo a ser destruído após a tiragem. Cada sócio receberia seu exemplar personalizado, mais um para a Biblioteca Nacional - como manda a lei. As despesas seriam repartidas com os sócios. Era um arremedo-mirim do Clube dos Bibliófilos que existiu no Rio com Raimundo Castro Maia, Carlos Lacerda, Afonso Arinos e os grandes colecionadores e amantes do livro.

O GALO: Alguns intelectuais conceituados situam sua obra como uma contribuição etnográfica das mais importantes para o Brasil. Isto o estimula e gratifica ?

OSWALDO: Encabula. É equívoco.

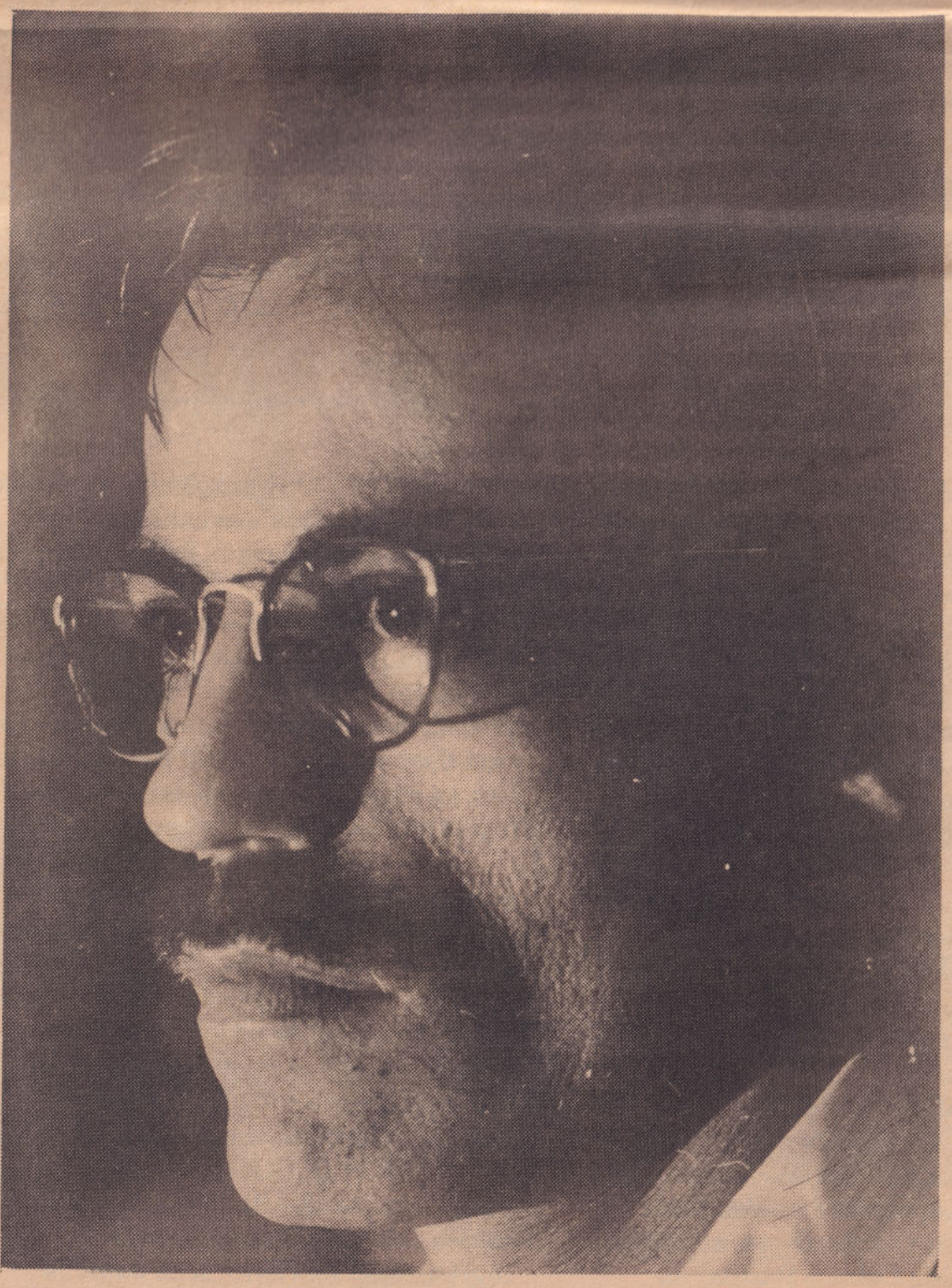
O GALO: O que tem de novo na reedição do *Vocabulário do Criatório Norte-Riograndense*?

OSWALDO: Um verbete e abonações a mais.

O GALO: Da Fazenda Acauã (Itaipava- RJ) para a Acauã (Riachuelo - RN) o que mudou no entardecer de O. L.?

OSWALDO: É que na ornitologia a acauã anda em casais...

ARQUIVO PESSOAL - OSWALDO LAMARTINE



ARQUIVO PESSOAL - OSWALDO LAMARTINE

UM SERTANEJO TOTAL

Nei Leandro de Castro

om certeza foi muito doloroso o seu "exílio" no Rio, com seus vastos espaços confinados entre quatro paredes de um apartamento. Tanto que, com a morte de Ludy, companheira com quem partilhava um amor mais bonito do que um pôr-do-sol sertanejo, ao romper-se o único laço que o prendia na grande cidade, voltou correndo às origens, ao interior do Rio Grande do Norte.

Vejo Oswaldo mais feliz e reencontrado, no seu território livre onde os aboios não pagam multa. Quando a saudade da companheira dói mais fundo, ele monta o cavalo e dispara contra o crepúsculo que derrama ouro nos lajedos. Se quer ouvir boas safadezas, retira da estante o seu livro **Uns Fesceninos** e conversa com Mariano Coelho, Moysés Sesyom, Pedro Luz, Ramiro Dantas, Renato Caldas, Zeca Galo. Sesyom, como sempre, é o mais assanhado:

"A sua raça é safada
Desde a quinta geração.
Seu avô, foi um cabrão
Sua avó, puta de estrada
Sua filha amasiada
Prostituta sua netinha.
Uma irmã que você tinha
Essa pariu de um criado
Seu pai foi corno chapado
Sua mãe é fêmea minha."

Na varanda da fazenda, na boquinha da noite, vez por outra o visita um certo Juvenal Lamartine de Faria, outro sertanejão culto que foi bacharel em Direito, jornalista, Deputado Federal e Governador do Estado, mas nunca perdeu o sotaque, as origens, os espaços interiores do sertão.

Oswaldo Lamartine, o intelectual e a figura humana, é uma presença forte em mim, mesmo depois de tanto tempo sem os encontros na Marquês de Abrantes. Quero vê-lo no seu habitat. Quero abraçá-lo em sua fazenda. Quero senti-lo sertanejo total.

XILOGRAVURA-EMANOEL DUARTE

Nei Leandro de Castro é poeta e cronista.

OSWALDO LAMARTINE

Rachel de Queiroz

XILOGRAVURA: EMANOEL DUARTE

"*Acho que, no Brasil, ninguém entende mais do sertão e do nordeste do que Oswaldo*"

Conheci Oswaldo Lamartine quando começava a escrever o **"Memorial de Maria Moura"**, nos começos de 1990. Eu estava "situando" o romance; fixara-o geograficamente naqueles sertões que nascem nos fundos de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, e marcham pelo oeste, na direção de Goiás. Eu me inspirara, para essa localização, num velho mapa que descobrira nos guardados do meu avô engenheiro, o Dr. Rufino, onde a região aparecia desenhada apenas nos seus limites externos e marcada pelo letreiro: "Território não mapeado". Parece que mais tarde, não sei se pelo Marechal Rondon, foi mapeada a região.

XILOGRAVURA: JOÃO VIANNEI

Os outros problemas com que eu me defrontava, eram os hábitos locais, os tratos domésticos, a alimentação, as bebidas. E a roupa. E as armas. Consultados os meus queridos amigos Melquíades e Arair Pinto Paiva (ele um estudioso do cangaço) discutimos bacamartes e facas de briga, a introdução do café, então artigo de luxo, etc, etc. Foi aliás deles dois que recebi informação sobre a existência do "cubico" ou cubículo, uma espécie de quartinho subterrâneo, oculto, onde se punham em segurança amigos que se escondiam ou se prendiam inimigos.

Mostraram-me até uma foto das ruínas do "cubico" da casa do sítio da bisavó dos dois, a famosa D. Fideralina. Mas quando fui me tornando mais exigente, tiveram eles a grande idéia - e me apresentaram ao mestre "sertanólogo", o hoje meu amigo, meu irmão, Oswaldo Lamartine. Acho que, no Brasil, ninguém entende mais do sertão e do nordeste do que Oswaldo. Quanto a mim, senti-me como garimpeiro que descobre uma mina. Oswaldo levou a sério a tarefa, e passou a me fornecer toda espécie de informação que eu lhe solicitava: desenhava roupas, chapéus, cachimbos e, principalmente, as armas dos meus cabras. Tenho aqui ao lado a pasta em que guardo essas preciosidades - desenhos muito bem feitos de punhal (especificando o que seria de marfim ou prata no cabo, o corte e as dimensões da lâmina de aço). Outro desenho, um bacamarte de fabricação inglesa, (chamado pelos cabras "vagalume") tendo gravado na coronha o nome do fabricante, I. Hall. Mas a jóia, entre todos os desenhos é o de uma pistola também inglesa (E. D. N. and North) chamada pelos cabras de "Cotó". E mais, ao lado dos desenhos, o glossário que não posso reproduzir aqui, já que me consumiria todo o espaço; vai de "jeribita" (cachaça) até as 24 enumerações das horas do dia, como "quebra da barra", "pingo do meio dia", "roda de sol", etc.

Na página das dedicatórias, quando publicado o romance, agradeci o Oswaldo pela "inestimável ajuda". Foi pouco, mas sendo ele lacônico por natureza, não me atrevi a derramamentos maiores.

Contudo, além da realmente "inestimável ajuda", o lucro maior que me ficou desse conhecimento foi o fraterno amigo adquirido. E olha que, a princípio, quando José Bonifácio Câmara e Melquíades me falaram dele, eu até cismei um pouco: filho de senador e presidente do R. G. do Norte, sociólogo, folklorista? E eis que surge aquele anjo magro, só querendo falar das coisas de que nós ambos gostávamos - quer dizer de sertão. A cada visita ele me trazia novas contribuições para a minha história o nome de um pano, os trocos de moeda, os chás caseiros; tivemos grandes confabulações também sobre ferros de marcar o gado, objeto de seu grande interesse (a porta do seu apartamento, aqui no Rio, é "ferrada" como uma rês; e até agora tenho resistido em ferrar também a minha, operação que ele me recomenda, com empenho...

Acho que só de cem em cem anos pode nascer algum brasileiro como Oswaldo Lamartine. E como ele ainda está na casa do setenta, vão demorar pelo menos ainda uns trinta anos, até aparecer o outro.

Rachel de Queiroz é romancista e cronista cearense.

Um mito sertanejo em Oswaldo Lamartine

Ariano Suassuna

Oswaldo Lamartine é, como eu, um Pereira Monteiro, descendente do Capitão-Mor da Serra Negra. Mas, além dos laços de sangue, existem entre nós várias afinidades. Ambos somos ligados à família, ambos do Sertão, e ambos nos interessamos pelos ferros-de-marcar sobre os quais ele, eu e Virgílio Maia já publicamos ensaio em forma de livro.

E foi Virgílio Maia, depois secundado por Dácio Galvão, quem me deu notícias de Oswaldo Lamartine e da homenagem que **O Galo** vai lhe prestar. Virgílio falou-me também das coincidências que me ligam ainda mais a Oswaldo Lamartine, que atualmente mora numa *fazenda* chamada **Acauhan** (como a que foi de meu Pai), num município chamado **Riachuelo** (como a rua em que meu Pai foi assassinado).

Sem tempo - mas também sem querer deixar de participar das homenagens programadas por **O Galo** - resolvi então transcrever aqui palavras que escrevi em 1976 e entre as quais havia uma referência a Oswaldo Lamartine. Eu procurava explicar os motivos que me tinham levado a publicar separadamente **"Ao Sol da Onça Caetana"**, primeira parte **d' O Rei Degolado**. Enumerava alguns deles e concluía assim:

FERRO DA RIBEIRA SERRA NEGRA DO NORTE XILOGRAVURA: JOÃO VIANNEI

Outra coisa que me aninou a publicar *O Rei Degolado - Ao Sol da Onça Caetana* foi o fato de que, na verdade, ninguém pode entender a personalidade de Quaderna - narrador e personagem principal do *Romance d'A Pedra do Reino* - sem ler esta primeira parte da *História d' O Rei Degolado*.

Ora, um amigo meu - o Professor Murilo Guimarães - observou, a propósito desta novela que agora se publica, ter notado que, entre outras coisas, eu me propunha com ela, a erguer uma espécie de Mitologia brasileira - o que lhe traria uma nova face, a de romance mítico. Lembrei a ele que essa tentativa é do romance todo, de toda a trilogia e vem desde *A Pedra do Reino* onde existe um folheto, o de nº XLIV, chamado *"A Visagem da Moça Caetana"*, no qual minhas intenções são bastante claras a tal respeito. No Sertão, a Morte é uma mulher, chamada Caetana; a Fome também é um mito, personalizado por Bernardo Cintura e aqui recriado e transfigurado no Gavião Caitura; a miséria é outra mulher, Dona Murzela; e assim por diante.

Não se pense que estou inventando ou partindo do nada - como, aliás, me era lícito fazer, se o quisesse na minha qualidade de criador de Poeta. Mas prefiro sempre partir das invenções coletivas de Povo brasileiro, para, desse modo, sentir meu trabalho de criação pulsar em consonância com seu espírito subterrâneo. É claro que, como todos os Poetas, eu recrio e transfiguro os mitos de meu Povo; mas para os que vivem duvidando de sua existência - por não terem olhos para ver - cito, aqui, de passagem, três escritores que já se referiram também a esses mitos sertanejos. O primeiro, é Rodrigues de Carvalho, que narra o fato de o Cantador paraibano Laurindo Pereira ter escrito um folheto no qual aparecem dois personagens míticos - Bernardo Cintura, a Fome, e Manuel de Matos, a Nudez. Engana-se ele, apenas, atribuindo a criação dos dois mitos a Laurindo Pereira: esses dois nomes, como o de Caetana atribuído à Morte, são de criação coletiva e anônima. Laurindo Pereira tomou-os assim da tradição do Povo e fez seu folheto, que se popularizou a tal ponto que terminou fazendo-o perder seu nome de batismo. Diz Rodrigues de Carvalho no seu *Cancioneiro do Norte*:

"BERNARDO CINTURA - O seu verdadeiro nome é Laurindo Pereira... Laurindo era do Teixeira (Paraíba), terra de poetas e cangaceiros... Perdeu o nome de batismo e de família pelo de Bernardo Cintura, figura abstrata de sua própria criação em uma espécie de poemeto em que o poeta fizera aparecer duas entidades que se despicavam: *Bernardo Cintura*, a fome; *Manuel de Matos* a nudez". (Ob. cit., 3ª edição, Rio, Instituto Nacional do Livro, 1967, p. 379).

O outro escritor, coincidentemente, chama-se também Rodrigues de Carvalho, mas é outro, mais recente. No seu livro *Serrote Preto* (Rio, Sociedade Editora e Gráfica Ltda., 1961, p. 68) encontra-se a seguinte frase:

"Achas, então, que logo num ano seco, de crise danada como fora aquele, quando lá em casa era *Bernardo Cintura* quem guardava as chaves da despensa, eu podia me dar ao luxo de desperdiçar tanto dinheiro?"

Finalmente, quero referir-me aqui a um trabalho publicado por **Oswaldo Lamartine** no n° 3 da revista *Província*. (Natal, Rio Grande do Norte, Fundação José Augusto). Referindo-se a seu Pai, o Governador **Juvenal Lamartine**, escreve **Oswaldo**:

"Recordo-me quando recebeu o telegrama dizendo do assassinato de Octavio... Depois foi a penitência de todo fim de semana subir, serra acima, no trem de cremalheiras até Corrêas (Petrópolis) onde,... Elza, minha irmã mais moça, se finava... Viu a Moça Caetana levar seus dois filhos no espaço de oito meses. Nem uma blasfêmia". (p. 13).

Como se vê, os mitos sertanejos da Fome e da Morte reaparecem nesses textos, com seus nomes respectivos de Bernardo Cintura e Caetana. E esclareço que os nomes dos mitos têm sua razão de ser: a fome é Bernardo Cintura porque a pessoa, com fome - isto é, possuída por Bernardo Cintura, - fica magra, seca e de barriga fina, de cintura afinada. A nudez chama-se Manuel de Matos porque a pessoa possuída por ele, sem ter o que vestir, tem que ficar escondida nos matos. E por aí vai.

Perguto-me agora: será que o mito é uma fantasia irreal e anestisiadora, incompatível com o realismo, ou, pelo contrário, tem um sentido mais real e carregado de significados do que os personagens das novelas meramente "veristas"? Note-se que, de propósito, estou usando um nome ligado ao "verismo" naturalista, e não ao "realismo", que é outra coisa: inclusive já escrevi uma vez - tentando desfazer certos equívocos a respeito do meu pretenso "realismo mágico" - que, na América Latina de fala espanhola, o "realismo mágico" era mais mágico do que realista, enquanto que no Brasil ele era mais realista do que mágico. No livro *Cem Anos de Solidão*, a narrativa é feita pelo próprio autor que, dessa forma, assume as "mágicas" do enredo. Já no *Grande Sertão: Veredas* e no *Romance d'A Pedra do Reino*, a ação é narrada por um personagem Riobaldo ou Quaderna - o que aproxima mais o universo romanesco da realidade, pois o que existe de mágico, nele, não é contado pelo autor, vem da crença, da imaginação ou dos delírios do narrador, conforme o caso.

Volto, então, àquele jogo de sentidos ao qual me referi atrás, e como Quaderna, lanço mão do velho *Dicionário Contemporâneo da Lingua Portuguesa*, publicado por Caldas Aulete em 1881. Nele encontro o seguinte:

"*Mito*, s. m. - fato ou passagem da fábula; narração de um fato físico ou moral feita sob a forma simbólica de alegoria. Coisa que não tem uma existência real; coisa em que se não crê; quimera; utopia. Pessoa ou coisa incompreensível; enigma."

Como se vê, é uma daquelas palavras que me agradam - carregada de sentidos diferentes, ambíguos e aparentemente contraditórios, sentidos que vão da Utopia à Quimera, da Alegoria ao Símbolo e ao Enigma.

Ora, no admirável e generoso prefácio que escreveu para *A Pedra do Reino*, Rachel de Queiroz disse que "Quaderna, no fim de contas, só é e só quer ser um exímio retratista de miragens". Por outro lado o romancista pernambucano Maximiano Campos fez recentemente uma distinção, que me parece importante, entre *mito e miragem*. Diz ele:

"O mito não requer elucidações; o que está na sua superfície se encontra também na profundidade dos seus abismos; o mito é compacto como uma pedra... A miragem perseguida, ou amplia ou diminui excessivamente as dimensões, o que significa distorcer a verdade. A verdade é uma dimensão mais para ser

BERNARDO CINTURA XILOGRAVURA: JOÃO VIANNEI

percebida do que comprovada. E as miragens falseiam esta percepção".

A professora Idelette Muzart Fonseca dos Santos, na admirável tese que escreveu e à qual já me referi, fez algumas considerações que transcreveu na conclusão do prefácio com o qual honrou este livro - prefácio que, aliás, ela escreveu sem conhecer as palavras que vou aqui alinhavando agora. No final de tais considerações, afirma ela que as imagens heráldicas, a estrutura cavaleiresca, a técnica romanesca e a estética da memória se unem no meu romance, "permitindo a mudança de visão e o deslocamento para um mais-além pictórico e literário *mais significativo e mais verdadeiro do que a realidade*".

Uma vez, numa dessas conversas fecundas e cheias de sugestões que às vezes mantemos eu e minha irmã Germana Suassuna, nós comentávamos alguma coisa sobre este longo *romance* que venho escrevendo, *Quaderna*, *O Decifrador*, e principalmente sobre sua primeira parte já publicada. *A Pedra do Reino*. Maximiano Campos e Cyro de Andrade Lima assistiam à conversa; e, como se falasse de um outro romance brasileiro contemporâneo, minha irmã disse que a diferença principal entre os dois era que "o outro romance era um *relato* enquanto que *A Pedra do Reino* é uma exigência". Maximiniano Campos pediu-lhe que fosse mais clara e precisa e ela então acrescentou: "*A Pedra do Reino* é uma exigência no sentido de que força as pessoas a tomarem posição diante dos problemas fundamentais, principalmente o de Deus - e é isso que torna esse livro perigoso, num tempo em que ninguém gosta de ouvir falar de problemas desagradáveis como este".

Cyro de Andrade Lima então comentou: "*A Pedra do Reino* nunca me pareceu uma simples história, um *relato*, como Germana disse a respeito do outro romance. Tudo aquilo sempre me pareceu uma espécie de sonho ou de pesadelo - ou melhor, uma espécie de tentativa que Ariano vem fazendo para mergulhar no seu próprio subconsciente e exprimir, sob uma forma poética, o universo dilacerado dele".

Como se vê, a interpretação de minha irmã é mais mítica e religiosa, a de Cyro de Andrade Lima é mais

psicológica, se bem que, a meu ver, as duas não se neguem - antes sejam complementares.
Maximiano Campos, porém, que, de todos nós, talvez fosse o mais preocupado com o real e atualidade brasileira, insistiu para que minha irmã fosse mais clara quanto ao "perigo"ao qual se referira, perigo esse ligado ao meu romance e ao nome de Deus. Então eu expliquei:

- "O que Germana quer lembrar é que um homem como Gandhi foi assassinado por ter falado de Deus e se mantido fiel a seu nome, e que portanto, o risco, o perigo que Gandhi correu, era muito maior do que o de qualquer político, porque muito maior é a solidão - o rancor e a incompreensão que cercam o Profeta".

E claro que Germana, sendo minha irmã e preocupada com minha sorte, exagera seus temores em tal sentido. Eu, se falo de Deus como Gandhi falava, nem falo com as mesmas dimensões, nem tenho, por outro lado, a grandeza, a coragem e a santidade dele, de modo que nem corro perigo, nem merecerei, como ele mereceu, a beleza, a dignidade, o sacrifício e a sagração do martírio sangrento. Tolstói, que era Tolstói, não o mereceu, quanto mais um escritor a quem talvez se possam aplicar as palavras sarcásticas de Pasternak, quando escreveu: "Era um daqueles em cuja cabeça os pensamentos de um Gênio atormentado que jamais conheceu a paz se haviam deitado para gozar de um repouso longo e sem nuvens, e se anemizavam sem esperança."

♄

Entretanto, descontado tudo isso e somente quanto à sua primeira parte, as palavras de minha irmã traduzem uma verdade: para mim, o problema fundamental, o problema do qual todos os outros dependem, é o de Deus - seja que nós o afirmemos, seja que o neguemos. Quando digo isso, tenho em vista o Deus dos muçulmanos, dos judeus, dos cristãos, dos hindus etc., o Deus do qual nos falaram Ezequiel, o Alcorão, o Apocalipse e Gandhi; e tenho em vista, também, todas as consequências que temos de tirar do fato de acreditarmos ou não em Deus. Se acreditarmos - e se isso, para nós, tem importância - surge como decorrência obrigatória disso que, sendo todos nós filhos dele, a sociedade tem de se reorganizar da maneira mais justa possível; que nós temos obrigação de optar por uma vida de pobreza honrada e austeridade libertadora e não por este mundo em que Deus e nossa fidelidade a ele e à sua justiça são considerados menos importantes do que a idolatria da riqueza; por este mundo em que a Divindade é considerada um problema irrelevante e sem importância quando comparada com dogmas intocáveis como a "liberdade sexual "e a "privatização da economia".

É por isso - e também pelo fato de nunca eu me colocar à altura dos Profetas que venero - que meu assunto fundamental é e sempre foi um só: Deus e a traição de diariamente faço a ele, uma traição contínua e vergonhosa, infamante. A grande fonte de sofrimento de minha vida é o fato de constatar que ela contradiz aquilo em que mais profundamente acredito, o remorso de saber que, por covardia e também por medo de ferir aqueles a quem amo, toda a minha vida é uma traição a Deus - ao Deserto e à pobreza que constitui meu sonho secreto. E ainda a convicção íntima de que, se desse o passo irrevogável e cruzasse a linha, causaria dor e sofrimento aos outros e a mim mesmo, tudo isso para nada, inutilmente, porque, ao fazê-lo, seria vencido pela sensualidade, pelas paixões que experimento em tumulto dentro do meu sangue e que, talvez, só consiga reter e dominar no quadro de afeto e tranquilidade em que a vida de compromissos e acomodações, com toda sua precariedade, me mantém composto.

MANUEL DE MATOS XILOGRAVURA: JOÃO VIANNEI

MOÇA CAETANA XILOGRAVURA: JOÃO VIANNEI

♄

Naquela noite, em minha casa, disse mais ou menos tudo isso. E então - como, realmente, não tenho uma idéia clara a respeito do que venho escrevendo, indaguei se este romance, *Quaderna, O Decifrador*, dá, a quem o lê, uma impressão de serenidade ou não. Maximiano Campos então declarou que, quanto a isso, ele não tinha nenhuma dúvida:

"Trata-se", disse ele, "de um livro mais do que violento: é um livro que chega a ser convulso".

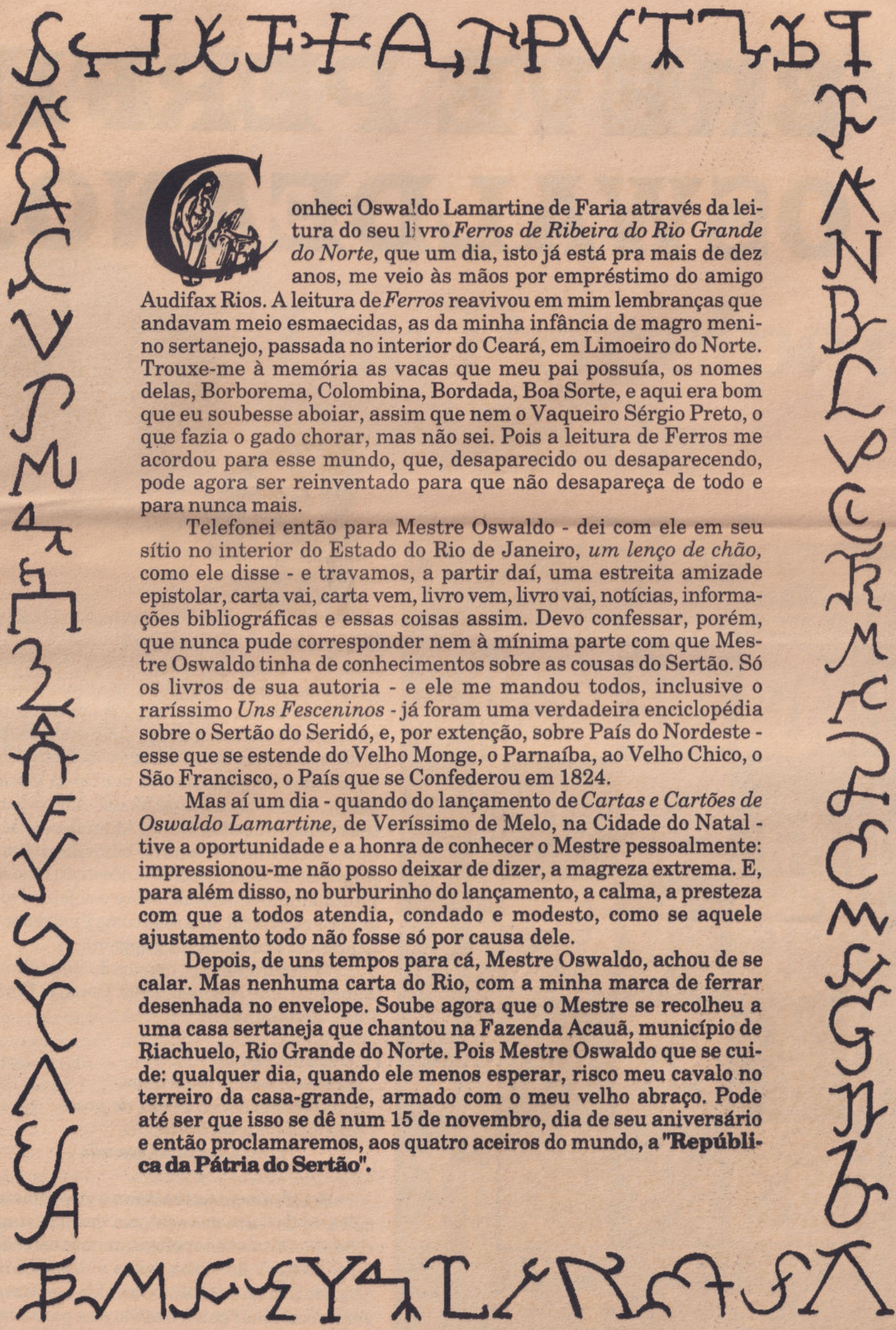
Eu julgava o contrário, de modo que tenho de terminar confessando que comecei estas palavras pretendendo, com elas, explicar algo a respeito do sentido do meu *romance*; mas chego ao fim dizendo que não sei, de fato, o que é que venho fazendo com este estranho livro que brotou dos subterrâneos do meu sangue. Exigência no sentido de Deus ou incursão no subterrâneo de meu subconsciente e do mundo, levantador de miragens causadas pelo ardente Sol sertanejo ou de mitos mais compactos e verdadeiros do que a simples "realidade", o fato é que não digo eu, mas Quaderna - este sim, vai, aos poucos, esculpindo e esquadrejando pedras, e erguendo seu Castelo sertanejo, como os povos Cariris ergueram, no Sertão da Paraíba, seus anfiteatros e altares entalhados de pedras - suas ilumiaras, como eu as batizei, com um nome que um dia explicarei melhor. Não sei, então se meu romance *Quaderna, O Decifrador*, depois de concluído, será um relato ou uma exigência, uma novela disforme e desagradável ou uma epopéia frustrada, um monstruoso, tedioso e pouco divertido romance picaresco ou uma novela de cavalaria, uma alegoria povoada de miragens ou, como disseram Cyro de Andrade Lima e Hermilo Borba Filho, uma espécie de *Divina Comédia* sertaneja povoada de mitos e pesadelos - uma "incursão no subterrâneo". Não fui eu que escolhi nem sua forma nem seu tamanho, nem seu modo de narrá-lo: tudo isso me foi sendo imposto aos poucos pelo próprio universo da obra, de modo que, à falta de uma explicação melhor, dou essa - trata-se de uma ilumiara, disforme e bruta como as enigmáticas ilumiaras de pedra do Sertão.

Ariano Suassuna é escritor e Secretário Estadual de Cultura de Pernambuco.

OSWALDO

MESTRE

Virgílio Maia



Conheci Oswaldo Lamartine de Faria através da leitura do seu livro *Ferros de Ribeira do Rio Grande do Norte,* que um dia, isto já está pra mais de dez anos, me veio às mãos por empréstimo do amigo Audifax Rios. A leitura de *Ferros* reavivou em mim lembranças que andavam meio esmaecidas, as da minha infância de magro menino sertanejo, passada no interior do Ceará, em Limoeiro do Norte. Trouxe-me à memória as vacas que meu pai possuía, os nomes delas, Borborema, Colombina, Bordada, Boa Sorte, e aqui era bom que eu soubesse aboiar, assim que nem o Vaqueiro Sérgio Preto, o que fazia o gado chorar, mas não sei. Pois a leitura de Ferros me acordou para esse mundo, que, desaparecido ou desaparecendo, pode agora ser reinventado para que não desapareça de todo e para nunca mais.

Telefonei então para Mestre Oswaldo - dei com ele em seu sítio no interior do Estado do Rio de Janeiro, *um lenço de chão,* como ele disse - e travamos, a partir daí, uma estreita amizade epistolar, carta vai, carta vem, livro vem, livro vai, notícias, informações bibliográficas e essas coisas assim. Devo confessar, porém, que nunca pude corresponder nem à mínima parte com que Mestre Oswaldo tinha de conhecimentos sobre as cousas do Sertão. Só os livros de sua autoria - e ele me mandou todos, inclusive o raríssimo *Uns Fesceninos* - já foram uma verdadeira enciclopédia sobre o Sertão do Seridó, e, por extenção, sobre País do Nordeste - esse que se estende do Velho Monge, o Parnaíba, ao Velho Chico, o São Francisco, o País que se Confederou em 1824.

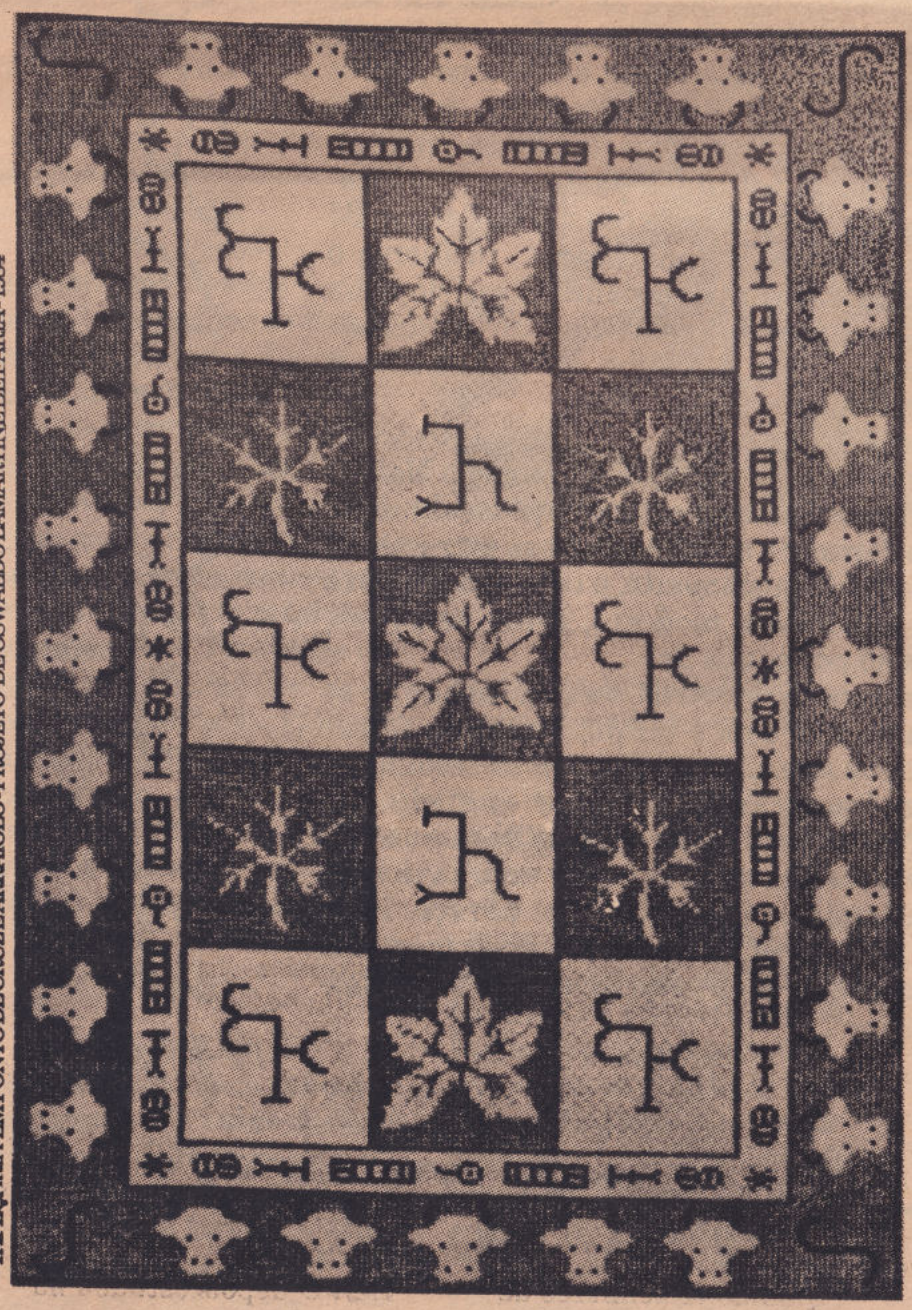
Mas aí um dia - quando do lançamento de *Cartas e Cartões de Oswaldo Lamartine,* de Veríssimo de Melo, na Cidade do Natal - tive a oportunidade e a honra de conhecer o Mestre pessoalmente: impressionou-me não posso deixar de dizer, a magreza extrema. E, para além disso, no burburinho do lançamento, a calma, a presteza com que a todos atendia, condado e modesto, como se aquele ajustamento todo não fosse só por causa dele.

Depois, de uns tempos para cá, Mestre Oswaldo, achou de se calar. Mas nenhuma carta do Rio, com a minha marca de ferrar desenhada no envelope. Soube agora que o Mestre se recolheu a uma casa sertaneja que chantou na Fazenda Acauã, município de Riachuelo, Rio Grande do Norte. Pois Mestre Oswaldo que se cuide: qualquer dia, quando ele menos esperar, risco meu cavalo no terreiro da casa-grande, armado com o meu velho abraço. Pode até ser que isso se dê num 15 de novembro, dia de seu aniversário e então proclamaremos, aos quatro aceiros do mundo, a **"República da Pátria do Sertão".**

Virgílio Maia é pesquisador e escritor cearense.

BREVE PERFIL OSWALDEANO...

J. Medeiros



TAPEÇARIA EM PONTO DE CRUZ E ARRAIOLO - PROJETO DE OSWALDO LAMARTINE DE FARIA - 1984

Desde "A Caça nos Sertões do Seridó", Rio de Janeiro, Serviço de Informação Agrícola, 1961, passando pelo ."Vocabulário Criatório Norte-Riograndense", 1966, em co-autoria com Guilherme Azevedo, a obra do sertanejo potiguar Oswaldo Lamartine de Faria perpassa caminhos semióticos, de alto teor informacional equiparando-se a pensadores atuais atuantes neste vasto território do conhecimento, sobretudo os que tem se preocupado com os costumes e as tradições metropolitanas; envolvidos complexamente, dentro da instância que Barthes definiu como "Sistema de Moda". Nos reportemos a leitura de seus bem realizados livros. Aliando-se a pesquisa científica a virtuosidade de seu espírito bibliofílico (ilimitado), lhes proporciona uma integral (ancestral) maestria e/ou pluridomínio conceitual sobre o objeto vivo, o livro. A sacada gráfico-escritural; atuando como ilustrador/designer da sua expressão simbólica (linguagem).

"Encouramento e arreios do Vaqueiro no Seridó", Natal, Fundação José Augusto, 1969. Capa de Dorian Gray Caldas e ilustrações do autor.

"O arame deu ao
vaqueiro, pela primeira vez,
a impressão dominadora de posse
alheia, a imagem limite."

Câmara Cascudo

A referência ***cascudeana*** nos remete a uma leitura sócio-cultural da "arte da caça", em que o protagonista, o caçador de rebanhos situa-se topologicamente cercado, entre o X do arame farpado e o Y do verbo, entre o icônico e o simbólico (imperativo da questão). Oswaldo perpassa nesse transis verbivocovisual entre o aboio e os paramentos expressivos do vaqueiro, o "encourado semiótico". O seu particular estilo escritural recreativo do coloquial etno-**gráfico**. Obraberta à

pesquisa, como fonte essencial, ou como conceituaria Marx, "radical", no sentido de aferrar-se "a raiz das coisas", ou a raiz telúrica (da terra).

Em um dos seus mais bem concebidos livros sobre "Ferro de Ribeiras"- Mossoró, FCD, 1984, encontra-se um levantamento instigante acerca da iconografia da marca de ferrar gado na região nordeste. O autor desvela toda uma tradição dessa expressão **sinológica,** apresentando criteriosamente certa variedade de tipos, fonte necessária a pesquisa, da visualidade popular e clássica (de raiz heráldica). O conhecido "ferro de gado" traz em seu contexto todo um índice de posse (legitimidade), propriedade privada, que nos remete, segundo Vico a "empresa forte", pois "os primeiros cometimentos fortes do mundo consistiram em dominar (domare) e reduzir a cultura as terras". "Tal divisa foi denominada pelos italianos de "insegna", no sentido de "coisa significante".

XILOGRAVURA JOÃO VIANNEI

Em "Apontamentos sobre a faca de ponta" publicado pela coleção mossoroense em 1988 podemos constatar o resultado de importante pesquisa acerca do uso da faca, suas funções e derivações culturais. O volume é ilustrado pelo xilogravurista paraibano Ciro e foi planejado graficamente por Tházia Maria Lamartine. Fora do contexto científico, no plano poético, Oswaldo Lamartine, em 1970 publica no Rio de Janeiro pela Artenova "Uns Fesceninos", edição fora do mercado, para bibliófilos, uma obra, de arte erótica ocidental, em se tratando sobretudo da seleção de textos poéticos clássicos, nos faz revolver ao tantra oriental.

Fixando-se em sua instância etnográfica, podemos frizar que seria de fundamental importância uma sistematização conceitual de sua obra (bem como a de Câmara Cascudo e Hélio Galvão), editada em forma de enciclopédia, cartilhas populares e utilizando-se também a INTERNET. No caso de Oswaldo: A EXPRESSÃO SERTENEJA (costumes, tradições e contradições de um povo), renascer de uma identidade telúrica. Oportuna a re-edição do "Vocabulário Criatório", ilustrada e acrescida de mais de mil verbetes e notas pela Fundação José Augusto. Sua obra, aos setenta e oito anos de idade se apresenta como a de um dos pesquisadores mais profícuos neste território de conhecimento, ao lado de Câmara Cascudo, Ariano Suassuna, Hélio Galvão. As pesquisas estão aí, cabe serem reveladas ao entendimento humano. Como bem enfatizou **o outro** Oswaldo(de Andrade), "o momento é de reação à aparência". (Manifesto da poesia Pau Brasil).

J. Medeiros é Coordenador do Setor de Multimedia do NAC/UFRN

III ENCONTRO DE Cultura Popular

ARQUIVO CEPEJUL-FJA

ARQUIVO CEPEJUL-FJA

ARQUIVO CEPEJUL-FJA

ARQUIVO CEPEJUL-FJA

Com participações de mais de 300 artistas populares e atrações consagradas internacionalmente, como o multiartista Antônio Nóbrega (ganhador no mês passado do Prêmio Multicultural do jornal "O Estado de São Paulo"), o grupo Mestre Ambrósio e a Banda de Pífanos Dois Irmãos, de Caruaru, acontecerá de 18 a 23 de agosto, no Teatro Alberto Maranhão, a 3ª Semana de Cultura Popular. Promovida pelo terceiro ano consecutivo pela Fundação José Augusto, a Semana terá ainda lançamento de cordéis, mostras de escultores populares e feira culinária e prestará homenagem a duas figuras referenciais da cultura popular do Rio Grande do Norte: o escritor Oswaldo Lamartine e o coquista Chico Antônio.

De Oswaldo Lamartine será lançada a segunda edição do livro "Vocabulário do Criatório Norte-rio-grandense", escrito em parceria com Guilherme Azevedo, com capa de Marcelo Mariz criada a partir de uma gravura do paraibano Ciro Fernandes. Uma edição especial de "O Galo" abordará a vida e obra de Oswaldo, reunindo textos de Raquel de Queiróz, Ariano Suassuna, Nei Leandro de Casto, Vicente Serejo, J. Medeiros, Frederico Pernambucano e Virgílio Maia, entre outros.

Chico Antônio, o genial embolador de coco descoberto por Mário de Andrade no início do século, estará presente tanto na apresentação de Antônio Nóbrega (que montou o ano passado o espetáculo "Na pancada do ganzá", em que já homenageava o coquista), quanto no show do "Mestre Ambrósio". Nóbrega trará à Natal um "Espetáculo Aula em Homenagem a Chico Antônio", que inclui trechos do celebrado " Na pancada do ganzá", montado exclusivamente para a apresentação no Teatro Alberto Maranhão. Já o "Mestre Ambrósio", que realiza também um trabalho calcado na musicalidade dos artistas genuinamente populares, incluiu o coco "Usina" de autoria de Chico Antônio em seu último disco.

"Montamos uma programação de peso, que reafirma mais uma vez o nosso compromisso com a cultura popular. Nesse governo, a arte popular é prioridade" afirma o presidente da Fundação José Augusto, Woden Madruga, lembrando que através de várias iniciativas, em parcerias com as Secretarias Estadual de Turismo, Ação Social, Emater e o Sesi, por exemplo, está viabilizando que os artistas populares saiam do limbo a que foram relegados e se apresentem em eventos para os mais diversos públicos.

A Semana de Cultura também está reservando algumas novidades que, com certeza, farão o deleite dos espectadores. "Uma delas é o tocador de marimbau (instrumento artesanal feito a partir de madeiras do semi-árido), Joaquim Penha, natural de Campo Redondo, descoberto recentemente pela equipe da FJA que realiza o mapeamento de cultura popular do Estado", revela o coordenador do evento, o diretor do Centro de Estudos e Pesquisa Juvenal Lamartine, Dácio

Galvão. O marimbau tornou-se conhecido a partir das pesquisas sonoras feitas pelos irmãos norte-rio-grandenses Antônio e Antúlio Madureira.

Numa ousada investida, que reunirá o popular e o erudito num mesmo palco, está programada a apresentação de Joaquim Penha com o grupo de violinos Suzuki (formado por crianças e adolescentes estudantes do Instituto de Música Waldemar de Almeida). No repertório, clássicos como "Asa Branca" e "Triste Partida", de Luiz Gonzaga.

Esse ano a Semana de Cultura contará com uma programação alternativa (que encerrará a programação normal da noite), que incluirá apresentações de teatro e musicais. Também estarão no Teatro Alberto Maranhão, escultores populares como Luzia Dantas, Etevaldo, Santana, Chico Santeiro de Currais Novos, além das bordadeiras de Timbaúba dos Batistas e será montado um stand nos jardins do TAM com publicações ligadas ao cangaço.

ARQUIVO: CEPEJUL-FJA

ARQUIVO: CEPEJUL-FJA

PROGRAMAÇÃO

18.08.97 (SEGUNDA-FEIRA) - 19:30 Hs.
ABERTURA:
- WODEN MADRUGA
(Presidente da Fundação José Augusto)
- ANTÔNIO NÓBREGA (PE)
– Espetáculo-aula:
UMA HOMENAGEM A CHICO ANTÔNIO

19.08.97 (TERÇA-FEIRA) - 18:30 Hs.
(SEIS MEIA ESPECIAL)
- CLEUDO FREIRE – Cleudo e os Bambelôcos
- CONCERTO DE EMBOLADORES:
- Manoel do Coco/RN e Estrelinha/PB - Concriz e Açu/RN Zizi Gavião e Marreco/PE - Caetano da Ingazeira e Barra Mansa/PE- Antônio Cajú e Chico Sena/RN - Mestre Ambrósio/PE

20.08.97 (QUARTA-FEIRA) - 19:30 Hs
- BOI-DE-REIS - São Gonçalo do Amarante - RN
- RECITAL POPULAR : - Xexéu - Santo Antonio/RN - Luiz Felipe Neris/Pau dos Ferros/RN - Luiz Campos/ Mossoró/RN
- ROMANCEIRA - D. Maria José - São Gonçalo do Amarante - RN
- DANÇA DO ESPONTÃO - Caicó/RN
- PASTORIL – NATAL - RN
- CONCERTO DE SANFONEIROS:
- Manga Rosa & "Os capetas do Forro"-Natal/RN - "José Segundo & Trio" Natal/RN - Veridiano Baixinho & "Trio Saudade do Gonzagão" - Pedro Avelino/RN - Expedito Sanfoneiro & "Trio Asa Branca" Natal/RN - Sebastião Braz & "Trio Camarão" Natal/RN.

21.08.97 (QUINTA FEIRA) - 19:30 Hs
- COCO DE ZAMBÊ - Tibau do Sul - RN
- CANTADORAS DE INCELÊNCIA - Biga e D. Noemia - Tibaú do Sul - RN
- CIA. DE DANÇA CORPOVIVO (ESPETÁCULO "COMPRAI JUÁ, JUCÁ")NATAL/RN
- BANDEIRINHAS - Touros - RN
- CONCERTO DE RABEQUEIROS: Cícero Carlos - São Gonçalo do Amarante/RN - Mestre Paulo - Tibau do Sul/RN -José André Sobrinho - Natal/RN.

22.08.97 (SEXTA-FEIRA)-DIA DO FOLCLORE - 8:00 Hs
- MESA REDONDA: Diógenes da C. Lima, Lenine Pinto, Vicente Serejo, Tarcísio Gurgel e Sanderson Negreiros.
- Lançamento do Livro de Osvaldo Lamartine de Faria - "VOCABULÁRIO DO CRIATÓRIO NORTE-RIO-GRANDENSE" e do Periódico "O GALO".
- ARARUNA - Natal - RN
- TOCADOR DE MARIMBAU - Lagoa de Velhos/RN & Grupo Suzuki
- JOÃO REDONDO: - Zé Relampo/Natal/RN - João Viana - São José de Campestre/RN - Chico Daniel- Natal/RN
- CONCERTO DE ABOIADORES:- Amancio Sobrinho/Natal/RN - Francisco Bezerra/Paraíba/PB - Cicero Benedito - Tibau do Sul - RN - Chico Bento - Extremoz - RN - Assis Sobrinho – Natal/RN

23.08.97 (SÁBADO) - 19:30 Hs
- LANÇAMENTO DE CORDÉIS - Projeto Chico Traíra
- DANÇA DE SÃO GONÇALO - Portalegre/RN
- CONGOS DE CALÇOLAS - Natal - RN
- MARUJADA - Georgino Avelino - RN
- ROMANCEIRA: D. Marilú - Georgino Avelino/RN
- CONCERTO DE VIOLEIROS: - Antonio Sobrinho - RN - Pedro Bandeira - CE - Severino Ferreira - Ivanildo Vilanova - PE - Manoel Morais - Antônio Morais - RN - Otacilio Batista - PE - Diniz Vitorino - PB - Domingos Matias/RN - Chico Sobrinho/RN

APOIO: SETAS (ARTESANATOS) - EMATER (GASTRONOMIA REGIONAL).

PROGRAMAÇÃO ALTERNATIVA

ÀREA EXTERNA DO TAM

18.08.97 (SEGUNDA-FEIRA)
- RETRÊTA–FILARMÔNICA DE MACAU/RN
- PALHAÇOS-SHOW RISO

19.08.97 (TERÇA-FEIRA)
- CIA TEATRAL ALEGRIA ALEGRIA-NATAL/RN

20.08.97 (QUARTA-FEIRA)
- JOCA COSTA & TRIO

21.08.97 (QUINTA-FEIRA)
- GRUPO PARAFOLCLÓRICO DA UFRN

22.08.97 (SEXTA-FEIRA) DIA DO FOLCLORE
- CABOCLINHOS-CEARÁ-MIRIM

23.08.97 (SÁBADO)
- BANDA DE PÍFANO "DOIS IRMÃOS" - Caruaru/PE

Durante a realização da 3ª Semana de Cultura Popular, serão lançados onze livros de cordéis, dando seqüência ao Projeto Chico Traíra, concebido pela Fundação José Augusto desde 1995 e que já editou mais de 40 livros a custo zero para seus autores. Os cordéis trazem gravuras inéditas de João Viannei, Emanoel Duarte, Pedro Pereira, Luiz Anísio, João Trajano, Assis Marinho, Gilvan Lopes, Aucides Sales alguns desses com reconhecida atuação nas artes plásticas do Estado. O coordenador da Semana, Dácio Galvão, chama atenção para o trabalho de resgate da gravura, que está sendo possível graças ao Projeto Chico Traíra. "A gravura estava morta no Estado e o Projeto Chico Traíra é quem vem propiciando esse retorno", diz Dácio. Alguns dos livros que serão lançados, o que é uma característica do próprio cordel, tratam de temas bastantes atuais, como os Sem Terra, a violência juvenil e a morte de Frei Damião.

***Os livros que serão lançados são os seguintes*:**

*A Solidão do Poeta. Autor: Nestor Bandeira.

*Lampião em Mossoró ha 70 Anos. Autor: Cícero Laurentino da Silva.

*Os Sem Terra. Autor: Zé Izidro.

*Cangaço e Cangaceiros. Autor: Aldivan Onorato e Antônio Sobrinho.

*Juventude e Violência. Autor: Luiz Maurício.

*O Marreteiro de Santa Cruz. Autor: Adonias Soares Pereira.

*Peleja de Alípio Tavares e Severino Marinho.

*Homenagem Póstuma a Frei Damião. Autor: Cícero Laurentino da Silva.

*A Tragédia das Águas em Santa Cruz. Autor: Antônio de Pádua Borges.

*Lembranças de Caicó. Autor: Geraldo Félix dos Santos.

*Trabalhos Populares. Autor: Amâncio Sobrinho.

Sertão do Nordeste

Frederico Pernambucano de Mello

VAQUEIRO - NEWTON NAVARRO
NANQUIM EM COURO DE BODE

Não precisaria escrever sobre a admiração que sinto pela obra de **Oswaldo Lamartine de Faria** porque me valho dela - da elegante segurança que possui - a cada passo do que escrevo, notadamente quando o faço sobre o universo de nossa afeição comum, o Sertão do Nordeste.

Oswaldo é o sedimento de ouro de uma formação que passa por Felipe Guerra, por Elói de Souza, por seu próprio pai, **Juvenal Lamartine**, pela tribo dos Maia, de Mossoró, todos à sombra gigantesca de Câmara Cascudo, sem esquecer de um Rodrigues de Melo, de um Raul Fernandes e de um Olavo de Medeiros Filho. Ou ainda de um Sanderson Negreiros ou de um Enélio Petrovich, no tocante ao amor pela terra.

Já era cativo do rigor cristalino dos estudos de **Oswaldo,** quando vim a conhecê-lo pessoalmente em Natal, pelas mãos desses dois Gurgéis incansáveis, Tarcísio e Deífilo. E me lembro que ao me defrontar com aquele homem magro e grave, elegante na jaqueta, enevoado pela fumaça do cigarro, pensei nos tipos pintados por Melville. Pensei no que há de comum entre o Sertão e o velho Mar-oceano da crônica dos pés-de-chumbo que nos colonizaram. E pensei na linguagem do cangaceiro quando participava a alguém que ia fazer uma longa viagem em cima das alpercatas: vou *navegar*... Não me esqueci de dizer a **Oswaldo**, na ocasião, o que pensava dele muito antes de conhecê-lo: que ele é precisamente o homem que Gilberto Freyre considerava ideal para estudar a cultura brasileira ainda nos Anos 20: um homem com os bolsos cheios de pontos de interrogação e sem nem mesmo uma algibeira para os pontos de exclamação...

Frederico P. de Mello é escritor.

OSWALDO LAMARTINE

XILOGRAVURA: JOÃO VIANNEI - FERRO DE MARCAR DE O.L.F.

Um Príncipe do Sertão de Nunca-Mais

Vicente Serejo

"Outros fazem adjunto de patacões de ouro, de água-de-cheiro e até de mulheres. Nós arrebanhamos palavras da boca dos vaqueiros..."
(O.L.F.)

1. GÊNESE

No princípio era o sertão.

Lugar onde foram viver os homens e os bichos vindos do litoral, fugidos do chão úmido dos agrestes ainda perto do mar. Procuravam terras enxutas para os seus rebanhos.

Nos começos, eram só as fazendas de criação, a gadaria solta e os homens erguendo suas moradas, repetindo no chão o saber ancestral da sobrevivência.

Cultura e civilização.

Os homens, como os apóstolos, só acreditavam no que viam e ouviam. Criaram e plantaram. Cresceram e multiplicaram. Espalharam sementes de gado. Colheram e conservaram alimentos. Juntaram água. Dominaram o ferro e o couro. O espinho e a flor.

Quando a civilização chegou de vez, o sertão tinha senhores de terras e vaqueiros. Suas casas estavam plantadas no alto, em duas águas, com alpendres para proteger do sol e da chuva. E pé direito elevado para enfrentar o calor. Pequenas fortalezas na defesa da vida e da propriedade.

E Câmara Cascudo avisa em **Tradições Populares da Pecuária Nordestina**, Serviço de Informação Agrícola, Documentário da Vida Rural, nº 9, Rio, 1956:

> *"O arame deu ao vaqueiro, pela primeira vez, a impressão dominadora da posse alheia, a imagem do limite"*

Estava fundado o Reinado do Grande Sertão.

2. O MENINO

Quando os senhores de terras viraram fidalgos e já não precisavam amansar caboclos brabos e bichos do mato, nasceu um menino, "sobejo da seca de 19", último de "uma ninhada de dez".

Oswaldo Lamartine de Faria, filho de Juvenal Lamartine de Faria (1874-1956) e Silvina Bezerra (1880-1961), descendentes dos povoadores do Seridó, nasceu a 15 de novembro de 1919. Quando a República fazia trinta anos e o Império ainda vivia nas almas de toda gente.

Para desasnar no ler e escrever, foi aluno da professora Belém Câmara até 1927 e depois estudou no Pedro II com o mestre-escola Severino Bezerra, até bater

"Tudo quanto Oswaldo Lamartine escreveu até hoje, na verdade, ele sabia desde os tempos de menino" -

com os costados no Ginásio do Recife, entre 31 e 33. Por fim, concluiu os estudos de Humanidades no Instituto La-Fayette, Rio, em 1936, de onde saiu para a Escola Superior de Agricultura de Lavras, Minas Gerais. Estava pronto o Técnico Agrícola. E, diante dele, o caminho da volta. Não mais para os sertões do Seridó, a Fazenda Ingá, da infância. Mas para Lagoa Nova, em Riachuelo, a fazenda do pai. Um mundo maior do que dez mil hectares e onde viveria de 1941 a 1947. Para retornar cinqüenta anos depois, onde envelhece, silencioso e sábio, como um príncipe do sertão.

O menino e suas lembranças o técnico Oswaldo Lamartine de Faria levava na bagagem. Delas nasceriam o escritor. Um príncipe encantado com o Sertão de Nunca-Mais. Como se estivessem ali guardados numa mala antiga, feita de couro cru, os elementos todos de uma civilização mágica e monumental. Um reinado de luzes e de sombras. De abusões e aparições. Feito de vaqueiros, caçadores, rastejadores, pescadores, mestres de ofício na faca e no couro. Reinado encantado, sem rei e sem vassalos.

XILOGRAVURA: EMANOEL DUARTE

3. O HOMEM

Tudo quanto Oswaldo Lamartine escreveu até hoje, na verdade, ele sabia desde os tempos de menino. O que veio depois, ouvindo dos professores de Lavras, foram técnicas. E o que leu nos grandes autores, foram sistematizações e ordenamentos teóricos de um saber que de certa forma aprendera antes, ouvindo vaqueiros e agricultores, caçadores e pescadores, rastejadores e mestres de ofícios.

E se aplicou, como administrador de núcleos e colônias agrícolas, no Rio, no Maranhão e no Rio Grande do Norte, foi porque fora antes amansado no mundo de Lagoa Nova, a fazenda do pai, onde viveu em dez mil hectares de terras que iam do alto da casa grande "até as paredes do céu".

Foi professor da Escola Doméstica de Natal e da Escola Técnica de Jundiaí, mas só ensinou as lições da infância. Foi do quadro técnico do Banco do Nordeste do Brasil, de 1955 até aposentar-se de vez em 1979, mas nunca foi bancário. Viu um colega de pensão, Nilson Holanda, chegar à presidência do BNB, mas nem assim teve ambição que não fosse o sonho de organizar a biblioteca, formando o maior acervo sobre a civilização nordestina. Até que um dia veio um doutor moderno e, a título de atualizá-la, eliminou "os livros velhos". As raridades que Oswaldo comprara pelo Brasil afora, como quem procura pérolas nos sebos antiquários.

Nada fez, ao longo dos 77 anos, véspera dos 78, que não fosse ouvir e anotar, ler e escrever sobre o Reinado do Grande Sertão. Seus homens e seus bichos. Seus hábitos e suas técnicas. Numa obra que se revela hoje como resultado de um homem de espírito e de gênio, curso geral e completo da etnografia sertaneja, da cultura do sol e da civilização da seca.

Para compreendê-lo, é preciso compreender a sua história. O trágico que lhe feriu a carne desde a juventude, quando seu irmão Octávio, engenheiro-agrônomo, foi assassinado pela polícia do Interventor Mário Câmara no alpendre da Fazenda Ingá, chão da infância; e depois, na maturidade, quando perdeu a filha Isadora, em 1972, a que morreu de tristeza. Há dois anos a dolorosa cerimônia do adeus quando parou o coração de Ludy, sua companheira inesquecível. Por isso resolveu voltar ao chão de Lagoa Nova, pedaço de terra que guardava em segredo, herança do velho Lamartine. Botou uma placa com o nome de Fazenda Acauã, onde arrumou os teréns para viver como vizinho de Octávio, sobrinho e anjo da guarda, senhor das terras de Riacho do Cedro.

Pai do engenheiro agrônomo Cassiano Lamartine, um especialista em computação e informática, mistérios que ele considera coisas da danação. É avô de Adriana e André, para quem prepara, nos dias da velhice calma e silenciosa, uma casa sertaneja: de alpendres cheios de sombra,

"Tanto é verdade que a sua escola é no sertão e a cidade é apenas um lugar de espantos"

cercada de craibeiras, cumarús e tamarineiros, entre um curral de pastagens cercado e na beira de um açude na ilharga da Serra do Macaco, sertão de Riachuelo. Ao lado de seus livros, de suas armas e dos seus objetos de estimação, e de Parrudo, como se o nome lhe trouxesse de volta o cão da infância. De janelões de ipê, voltados para o nascente, que se abrem enchendo a casa de um azul que não acaba nunca.

XILOGRAVURA-EMANOEL DUARTE

4. AS INFLUÊNCIAS

Oswaldo Lamartine de Faria nasceu escritor. O que ele aprendeu, aprendeu brincando, consagrando aquela força formadora da personalidade e da sensibilidade. Segundo Câmara Cascudo, seu grande mestre, era "a lúdica infantil que condicionava a vida ambiental".

E acrescenta Cascudo, detalhando a escola da infância nos sertões de ontem:

"Brincava-se de fazendeiro, de vaqueiro, repetindo-se no microcosmo infantil o macrocosmo humano. Era o serviço de campo, galopando em cavalo-de-pau, juntando o gado feito de ossos com aboios sinceros e obediência maquinal da manada. Vaquejadas com derrubadas espetaculares. Fazer açudes, com cacos de louça. Juntar água, fazê-la correr, fugir luzindo nos canais de irrigação rasgados à unha. Encanto, sedução, ciúme pela água. Um rio cheio era um deslumbramento". (**Tradições Populares da Pecuária Nordestina**)

Essa foi a escola lúdica e, por isso mesmo, mágica, onde Oswaldo Lamartine aprendeu. Mesmo nascido em Natal, onde enterrou o umbigo, a cidade foi sempre um fantástico território de descobertas. Quando veio, em 1961, lançar **A Caça nos Sertões do Seridó**, livro de estréia, começou seu discurso dizendo:

"O meu Natal ainda é o Natal do menino boquiaberto de olhos arregalados para os céus, catando entre as nuvens o vulto do Jahu, de Ribeiro de Barros, dos ratos voadores do Generalíssimo Balbo e da silhueta bojuda do Graff Zepelim. O Natal contrito do Pe. João Maria. Natal dos veraneios em casas de taipa e palha da Redinha. Praia do Morcego e Areia Preta - quando se tomava banho de mar por prescrição médica".

E logo a seguir:

"Natal transtornado com a baleia morta e fétida no Poço do Dentão. Natal dividido e vibrante nas manhãs de Centro e Esporte, nas tardes de América e ABC e nas noites do Cordão Azul e Encarnado".

Tanto é verdade que a sua escola é no sertão e a cidade é apenas um lugar de espantos, que um dia, quando foi para lançar a primeira edição do Vocabulário do Criatório, em 1966, escreveu um discurso que não chegou a ser lido creditando aos "velhos professores" do grande sertão, perdido nas noites, essa dívida de alma:

"Outros fazem adjunto de patacões de ouro, de água-de-cheiro e até de mulheres. Nós arrebanhamos palavras da boca dos vaqueiros... E não havendo pelas ribeiras de cimento-armado da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro onde as campear, tivemos de farejar, rastejar e caçar cada uma delas, perdidas na memória audível do Sertão de Nunca-Mais, no falar alheio e nos papéis dos outros".

A rigor, "o falar troncho do sertão" que estava ali, no **Vocabulário do Criatório**, de parceria com seu amigo Guilherme de Azevedo, hoje lançado em edição definitiva com mais de mil verbetes e abonações, era o saber recebido na infância, transmitido pela cultura oral e coletiva, essa força que um dia o cantador Josué disse do seu pai, Romano de Mãe D'água: ele tinha "a ciência da abelha e a força do oceano". Dessa ciência e dessa força sertaneja Oswaldo - "semente minguada e fanada como o sobejo de uma seca" - foi o grande aprendiz.

5. O ESCRITOR

A ciência do povo é a ciência de Oswaldo Lamar[illegible] O grande influenciador p[illegible] sistematizar seu olhar e fazê-lo um metódico anotador, foi Câmara Cascudo. O folclore

"O jovem escritor de 29 anos, até então praticamente desconhecido, chama a atenção de três dos mais consagrados intelectuais do Recife."

fascinava o mestre e, dentro dele, uma etnografia e uma sociologia nascidas da impressão e conquistadas pelos sentidos. Se faltava um pouco de ciência, sobrava um muito de sensações.

A mentalidade para a observação, suas regras e seus métodos Cascudo publicaria logo em 1942 ao lançar os documentos fundadores da Sociedade Brasileira de Folk-Lore, com sede em Natal, à rua Vigário Bartolomeu, 606. Além dos Estatutos, o registro civil e as regras de filiação, dois textos históricos e metodológicos: **Sugestões para a Colheita de Material Folclórico e Plano Geral dos Inquéritos.**

A Sociedade já revelava, em 1942, portanto, preocupações, segundo o seu plano geral, com a sistemática de anotações, a literatura oral, histórias e estórias, superstições. Uma recomendação geral sugeria assim, finalizando o texto:

"Não devemos procurar no Folk-Lore e na Etnografia comprovações materiais para uma tese pré-fixada. É preferível deduzir e não prever..."

E se outra escola Oswaldo Lamartine tivesse freqüentado, para ser escritor, que não fosse apenas o sertão, mesmo aprendendo com Cascudo as técnicas e métodos de pesquisa como instrumentos de registro e trabalho, bastaria o que ele mesmo disse ao receber a Medalha do Cinqüentenário da Academia

XILOGRAVURA: JOÃO VIANNEI

Norte-rio-grandense de Letras, em 1987. Depois de se referir a Cascudo como aquele que mais lhe influiu "a botar no papel as coisas do meu mundo que espiava, pisava e não via", falou, agradecido aos seus "professores" velhos do sertão:

"Daí - pra quê negar ? - estou de cabeça aos pés banhado de um sadio e merecido orgulho. Mesmo porque entendo que a recebo também em nome de todos os que me desasnaram de cada coisa: Mestre Pedro Ourives - o seleiro. Mestre Zé Lourenço - o fazedor de barragens. Chico Julião - o caçador de abelhas. Bonato Liberato Dantas - o pescador de açudes. E o rastejador e vaqueiro maior das ribeiras do Camaragibe - Olinto Inácio".

E acrescentou, pedindo glória a todos os imortais que lhe ouviam:

Nomes nunca escutados nesta Casa. Agradecido, por mim e por eles, a vosmincês".

6.A ESTRÉIA

A exemplo do que acontecia desde as primeiras décadas do século, a estréia de Oswaldo Lamartine, em meados dos anos quarenta, aconteceu nas folhas grandes e soltas de um jornal, o velho, romântico e combativo Diário de Pernambuco, onde já pontificavam outros nomes mais conhecidos. Como José Gonçalves de Medeiros, colaborador permanente, amigo do poeta Mauro Mota, um talento morto no desastre do Rio do Sal, em 1951, no acidente aéreo que tirou a vida do então governador Dix-Sept Rosado.

Foi lá, na edição do dia 27 de junho de 1948 que Oswaldo Lamartine publicou a primeira parte de **Cangaço e Coiteiros**, um artigo já bem vazado no estilo singular da narrativa que vai buscar na linguagem oral as riquezas de expressão. A segunda parte, final, é publicada dois meses depois, em 28 de agosto.

O jovem escritor de 29 anos, até então praticamente desconhecido, chama a atenção de três dos mais consagrados intelectuais do Recife: Gilberto Freyre, José Lins do Rego e Mauro Mota.

Logo dois meses depois do artigo, na edição de 9 de outubro de 1948, Gilberto Freyre registra na sua página semanal de **O Cruzeiro**, então a mais importante revista do país, sob o título **A Propósito do Folclore**, a revelação de um novo etnógrafo, do Rio Grande do Norte, a quem chama de "Meu companheiro de estudos".

Um dia depois, no **Diário de Natal**, que à época transcrevia a sua coluna cujo título se tornou conhecido no Brasil inteiro - **Homens,**

"(...) a revelação do novo etnógrafo em O Cruzeiro, que aponta entre os discípulos do mestre Câmara Cascudo(...)"

XILOGRAVURA: JOÃO VIANNEI

Coisas e Letras - o romancista José Lins do Rego afirmava, ao revelar que estava escrevendo seu romance **Cangaceiros** (lançado pela José Olympio, Rio, só em 1953):

"... muito teria que aprender com o jovem ensaísta riograndense do norte, e desta coluna lhe pediria que se possível fosse, me mandasse de empréstimo o que possua em folhetos e ABCs sobre o nosso tema".

E consagra, fechando o parágrafo:

"O último artigo de Lamartine é uma magnífica observação sobre o progresso que no Nordeste sofreu o cangaço".

7. O ESTILISTA

O estilo de Oswaldo já estava ali, no artigo de estréia, onde a coloquialidade de uma linguagem oral, fundada na rica expressão popular, já assinalava o grande estilista nordestino. Eis um exemplo, inclusive destacado por José Lins do Rego: *"O cangaceiro gentilhomem tipo Jesuíno Brilhante foi substituído pelo marchante de gente que lambe uma rapadura detrás do toco".*

Numa série de entrevistas para o **Jornal do Commércio**, do Recife, José Gonçalves de Medeiros, apontado pela edição de 4 de setembro de 1949 como um dos "leaders" do movimento literário de Natal e do Nordeste, faz constar, entre as revelações "de excepcional brilhantismo", o nome de Oswaldo Lamartine, de quem era amigo. Ao lado de outras revelações como Hélio Galvão, Veríssimo de Melo, Raimundo Nonato, José Bezerra Gomes e Manuel Rodrigues de Melo, líder do grupo da revista **Bando**.

Ainda em julho de 1949 é convidado para escrever sobre a pescaria de açudes no sertão do Seridó. O convite é honroso e consagrador porque vem da direção do Museu Nacional, no Rio, a maior entidade na área de estudos antropológicos e etnográficos do país e até hoje um centro de formação de mestres e doutores. Na edição nº 10, de outubro de 1950, um ano depois da remessa dos originais, sai o seu **Notas sobre a Pescaria de Açudes no Seridó** que ele já assina como membro da Sociedade Brasileira do Folclore, onde chegara a convite de Câmara Cascudo. É o embrião do ensaio que publicaria mais tarde, pelo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, com o título definitivo de **A.B.C. da Pescaria de Açudes no Seridó**, Recife, 1961.

Os artigos sobre **Cangaço e Coiteiros**, em 1948, assim como sua presença em algumas revistas e boletins, como o do Museu Nacional, despertaram em Gilberto Freyre uma admiração que ele revela pela segunda vez, agora na sua famosa conferência em Natal, no auditório da Escola Doméstica, noite de 21 de agosto de 1954, em sessão presidida pelo governador Sylvio Pedroza. Antes, em julho, o repórter Lenine Pinto ouve uma conferência de Gilberto Freyre sobre a presença da mulher na cultura do Nordeste e do Brasil e registra em **Bando** (Ano V - Vol. VI):

"Ele mesmo, para surpresa nossa, é que indagou da existência de Oswaldo Lamartine. Queria conhecer Oswaldo. Queria que Oswaldo fosse levado ao Recife. E empenhou na ocasião o convite do Instituto Joaquim Nabuco para que Oswaldo realizasse uma conferência".

Na conferência de Natal, realizada um mês após o encontro de Lenine e a conversa em Apipucos, é o próprio Gilberto, aquele que registrara a revelação do novo etnógrafo em **O Cruzeiro**, que aponta entre os discípulos do mestre Câmara Cascudo *"um dos melhores etnógrafos do Brasil de hoje: Oswaldo Lamartine".*

Ainda assim, em agosto de 1954, Oswaldo não tinha um só livro publicado. A sua estréia acontece mais por acaso do que por desejo seu, sonho de ser escritor ou ambição de consagrar-se etnógrafo. Ao contrário: nunca visitou Gilberto Freyre, sequer para aceitar o convite da conferência . E só publicou ensaios pelo Instituto Joaquim Nabuco quase dez anos depois e, assim mesmo, por insistência de Mauro Mota, o poeta e escritor de quem se tornou amigo. Até hoje guarda algumas de suas cartas onde as cobranças esperam, diante

"Aquele menino, tinha o destino de ir além de montar e caçar, pescar e nadar, matérias da escola mágica e lúdica da infância"

ILUSTRAÇÃO: DESENHO DE PERCY LAU

do morto ilustre do Recife, a resposta de Oswaldo para artigos, ensaios e conferências.

O primeiro livro de Oswaldo, a rigor, é lançado em 1961, pelo Serviço de Informação Agrícola- SIA, do Ministério da Agricultura. **A Caça nos Sertões do Seridó** é o no. 16 da coleção Documentário da Vida Rural e onde já figuravam os nomes de Câmara Cascudo e Hélio Galvão. O primeiro, com seu clássico **Tradições Populares da Pecuária Nordestina**, nº 9 , Rio, 1956, e **Jangadeiros**, nº 11, Rio, 1957. No mesmo ano, aliás, Cascudo publica **Jangada**, o ensaio definitivo sobre o tema, pelo Ministério da Educação e Cultura, coleção Vida Brasileira. O segundo é Hélio Galvão, um dos seus maiores amigos, com um texto que também é considerado pioneiro e clássico na nascente sociologia brasileira: **O Mutirão no Nordeste**, nº 15, Rio, 1957.

A história desta estréia é singular.

Oswaldo recebeu um pedido de Hélio Galvão para que acompanhasse, nos cuidados de sempre, a edição d'**O Mutirão no Nordeste**, fazendo as revisões até a prova final. Para atender o pedido era preciso procurar o diretor da coleção Documentário da Vida Rural, na sede do Ministério da Agricultura, no Rio, o poeta e escritor Xavier Placer. O que foi feito.

Mas, as observações de Oswaldo sugerindo pequenas correções nos desenhos de Percy Lau, assim como na fixação correta de termos e expressões populares chamou a atenção de Placer, que logo lhe fez uma pergunta: "Por que você não escreve sobre um tema da vida rural ?" Oswaldo pensou alguns dias e respondeu: "Pode ser. Tenho algumas anotações sobre a caça nos sertões do Seridó". Era uma lacuna entre os quinze títulos até então publicados. O ensaio de Hélio é lançado em fins de 1957 e no início de 1961, quatro anos depois, a etnografia brasileira tem diante dos olhos aquele que até hoje é um clássico: **A caça nos Sertões do Seridó.**

8.CONCLUSÃO

Daí em diante, sempre escrevendo pouco e evitando promoções gratuitas em torno do seu nome, foi pesquisando a vida nos sertões do Seridó. Hoje a sua bibliografia, das **Notas sobre Pescaria de Açudes no Seridó**, em 1950, até os **Apontamentos sobre a Faca de Ponta**, em 1988, são apenas 14 títulos. Distribuídos ao longo de quase cinqüenta anos, mas citados no Brasil e no exterior pelo rigor etnográfico de suas observações e pesquisas e pela expressão de sua escrita que o faz o maior estilista da etnografia brasileira.

Quando Aurélio Buarque de Hollanda precisou incorporar ao seu grande Dicionário da Língua Portuguesa expressões relacionadas com a alimentação nordestina, foi em Oswaldo Lamartine que o maior filólogo brasileiro buscou segurança para dicionarizar termos populares da linguagem sertaneja, fazendo-o constar na bibliografia.

Rachel de Queiroz, sua amiga, depois de ouví-lo várias vezes enquanto escrevia o **Memorial de Maria Moura**, ainda submeteu os originais à uma revisão para que Oswaldo fixasse usos e costumes em função de armas, objetos e expressões de época. Na folha de rosto ela agradece a Oswaldo. Assim como o indicou para consultor da equipe da Rede Globo na fase de transformação do romance para a Mini Série.

Aquele menino, "sobejo da seca de 1919 e caçula de uma ninhada de dez", que aprendeu com Silvino, o irmão mais velho e depois médico, a ser como os outros meninos, tinha o destino de ir além de montar e caçar, pescar e nadar, matérias da escola mágica e lúdica da infância. Aquele menino era um escritor.

Mais tarde, completou o curso de etnografia geral sobre o sertão ouvindo histórias daquele mundo antigo, seus hábitos quase deslembrados e suas noites velhas. Evocações que ficaram na alma, numa fruição estética que terminaria por faze-lo escritor. Era preciso apenas escrever. E escreveu.

Filho de um sertão heróico e monumental, feito de homens rudes e fidalgos, rico sem ter riqueza material e sem ambição, Oswaldo Lamartine de Faria é um Príncipe no Sertão de Nunca-Mais. Como aquele outro, o de Golconda, a quem um dia Edgar Barbosa comparou o poeta Henrique Castriciano. Como ele, Oswaldo é também um homem humilde e genial que vive a esbanjar, sem vaidade e sem soberba, numa aldeia de vaqueiros e pescadores seu amor ao sertão que é a sua fortuna.

Redinha, julho de 1997, nos cinqüenta anos da morte de Henrique Castriciano de Souza.

Vicente Serejo é jornalista e cronista.

BIBLIOGRAFIA DE OSWALDO LAMARTINE DE FARIA

01) - NOTAS SOBRE A PESCARIA DE AÇUDES NO SERIDÓ
- Museu Nacional, Rio, 1950.

02) - A CAÇA NOS SERTÕES DO SERIDÓ
- Edições SIA, Rio de Janeiro - 196l.

03) - A. B. C. DA PESCARIA DE AÇUDES NO SERIDÓ
- IJNPS, Recife - 1961.

04) - ALGUMAS ABELHAS DOS SERTÕES DO SERIDÓ
(co-autoria de Hypérides Lamartine)
- UFRN - Separata dos Arquivos do Instituto de Antropologia - Natal - vol. 1 - nº 2 - 1964.

05 - CONSERVAÇÃO DE ALIMENTOS NOS SERTÕES DO SERIDÓ
- IJNPS - Recife - 1965.

06) - VOCABULÁRIO DO CRIATÓRIO NORTE-RIOGRANDENSE
(Co-autoria de Guilherme de Azevedo)
- Edições SIA, Recife - 1966.

07 - ENCOURAMENTO E ARREIOS DO VAQUEIRO NO SERIDÓ
- Fundação José Augusto - Natal - 1969.

08 - UNS FESCENINOS
- Rio de Janeiro, Artenova, 1970.

09 - SILOFAMÍLIA NO SERIDÓ - RN
- Cadernos Brasileiros - CB nº 2 - Ano XII - nº 58 - Março-Abril de 1970

10 - AÇUDES NOS SERTÕES DO SERIDÓ
- Natal, FJA, 1978.

11 - SERTÕES DO SERIDÓ (REEDIÇÃO DE CINCO DESSES ESTUDOS)
- Brasília, CGS, 1980.

12 - E ADONDE ERA SOMBRA SE FEZ SOL. E ADONDE ERA SOLO SE FEZ CHÃO...
- Separata da Revista Tempo Universitário - Vol. 6 - Nº 1 - 1980.

13 - ALGUMAS PEÇAS LÍTICAS DO MUSEU MUNICIPAL DE MOSSORÓ
Coleção Mossoroense - Série B - nº 378 - 1982

14 - FERROS DE RIBEIRAS DO RN
FGD - Mossoró - 1984.

15 - PSEUDÔNIMOS & INICIAIS POTIGUARES
- (Co-autoria de Raimundo Nonato da Silva)
- Coleção Mossoroense - Série B - nº 424 - 1985

16 - SERIDÓ - SÉC. XIX (FAZENDAS & LIVROS)
(co-autoria do Pe. João Medeiros Filho)
- Fomape Editora - Rio de Janeiro - 1987.

17 - APONTAMENTOS SOBRE A FACA DE PONTA
- Col. Mossoroense - Série C - Vol. CDXIV - 1988.

O VIAJANTE AMOROSO

(Paráfrase de um Aprendiz)

(Final)

Tarcísio Gurgel

Natal - na aproximação do torna-viagem

Volto a Natal, conduzindo meu farnel de emoções. Os cadernos estão impando de tanto que anotei. Eu, de tanta felicidade imerecida.

Faço pausa.

Me divirto a valer. Vou ao Theatro Carlos Gomes e quem vejo? Douglas Fairbanks. Não quero nada. Ou milhor: quero cajus. Às dezenas. Às muitas dezenas, assustando o povo honesto de Natal.Vôte, diabo! Esse incréu vai é impanziná... Não impanzino. Quem danado impanzina, tendo o tempo todo do mundo para digestar? Ah... esta vida sem horários...

Procuro não sucumbir de todo à preguiça macunaímica. Na terra dos Reis Cascudos sou importante. Vou a palácio. Visito o Presidente Lamartine. (1) Que personalidade surpreendente! Se é possível reunir, num homem inapelavelmente sertanejo, todas as qualidades de um cosmopolita inteligente, ele é, por certo esse modelo.

Visito o Prefeito O'Grady. Camaradão.(2)

Recebo do Chefe de Polícia, este distinto Adauto da Câmara, toda atenção e gozo com isto.(3) Vou à city. Como são belas as moças natalenses... Espalham pelas avenidas, pelos clubs e squares o que os espanhóis chamam de donaire, sobretudo pela suave cadência que impõem ao andar...

Mário em foto reproduzida do livro ***Balança, Trombeta e Battleship*** *(edição genética e crítica de Telê Ancona Lopez - Instituto Moreira Sallles - IEB/USP - 1994).*

Paro em prosa sem futurismo no Café Majestic, do Jorge, hoje surpreendentemente descontraído, narrando trotes que ele mesmo passa nos clientes incautos.(4) Tomo uns grogues mais ele, Cascudinho e outros camaradas. Tiro com os dois uma foto que não ficará para a posteridade.

Súbito me dou conta de que a máquina-tempo trabalha mais depressa do que eu gostaria. Percebo as pessoas ainda mais preocupadas em satisfazerem os meus caprichos de viajante amoroso. A última: me conseguem um auto para que possa fazer coisa que, segundo penso, mesmo entre os potiguares, poucos tiveram a chance de fazer, até este 29: dar uma volta juliovérnica, quase, neste Estado de Graça. É ver com olhos bem abertos, que o tempo urge, o que for possível de salinas, carnaubais, Serra do Martins, o Seridó. (5)

Devo dizer que não é propriamente agradável, esta parte da viagem, pois se a paisagem me comove, a situação em que transito me enche de revolta. Porque a sede, a sede física, que combato inutilmente com garrafas e mais garrafas de cerveja, parece menor, muito menor do que a outra, de justiça, que não deve de ter havido nunca por aqui...

Descubro no corpo esquálido do retirante uma mentira euclidiana: nada de heroísmo nesta visão. Apenas miséria. Miséria que dia a dia se agrava, pela omissão criminosa de governos que

Juvenal Lamartine em desenho de Hostílio Dantas. Homem de visão, pôde ajuizar a importância intelectual de Mário, destinando-lhe um pequeno bangalô na praia de Areia Preta.

vão e que vêm e que não oferecem solução capaz de fazer cessar esta ignomínia: o enterro cíclico das quimeras do sertanejo nordestino.

Registo beleza-tarsila de uma cidade Jardim. Do Seridó. E só.

Tenho de ter o cuidado de não falar essas coisas aos amigos natalenses. É factível que se sintam atingidos em seu ufanismo potiguar. Ou será que não? Pensando bem, acho que não tenho de ter esse cuidado, não. Milhor mesmo que não. Pois já não pude observar que o doutor Eloy, (6) o Dantas, (7) o Joaquim Ignácio (8) e, pioneiramente o Guerra (9) todos, já se voltaram criticamente para a questão? E afinal, a doce oligarquia maranhota não pode ser acusada de mais esta... Basta entender que não é responsabilidade do poder estadual responder pelo absurdo de interromper, sem mais aquela, a construção do Açude de Gargalheiras, em Acari... (10)

Bem, o Rei Alberto jamais virá ao nordeste. (11) E mesmo que viesse, solvoronoff, esturricando tudo, agora, no verão, não teria qualquer culpa no cartório...(12)

Ódio. Ódio mortal, operístico, dedico a estas saúvas da vida nacional. Malditos sejam. Quanto a mim, sei que não posso fazer nada para resolver tal questão. Mas, também, nada impede que eu acredite ser o trabuco a única solução possível. Pois somente limpando a nação dessa corja de ladrões, veríamos chegar o momento de melhorar os costumes e o modo de viver do brasileiro. E não me venham com ridículas ponderações gobinísticas: ninguém é intrinsecamente mau. Como também não se nasce já exibindo atestado de bondade...

O que há, nisso tudo, é uma indesculpável desorganização político-administrativa. Falta moral. Vergonha. Justiça, mesmo.

Que venham os gaúchos. (13) Bom. Isto, penso. Mas, não falo. Não, não falo. Milhor que não. Nunca se sabe...

*

Outra vez em Natal.

Agora, às voltas com um terçol. (14) Coisa mais chinfrin é esta: um paulistão desse tamanho, tendo a máquina-olho perturbada por um reles terçol...

Mandam-me aquecer a ponta do fura-bolo, atritando-a contra a palma da mão e, depois colocar em cima da miniatura do cabugi ótico. Não resolve. Paciência. Não posso é deixar de ir à casa de Cristóvão Dantas, comer a prometida panelada. Morro, mas morro muito satisfeito, impando de prazer. Cristóvão é outro camaradão. Jamais esquecerei o sucesso que obtivemos em Areia Preta, aonde fui levado para o aqui chamado "banho salgado", em sua baratinha azul...

Panelada supimpa. Conversas, também. Branquinha queimando uma, duas, quantas vezes?, os bofes do pobre Mário, que quase soçobra, macunaímico. Me amuo. Estou jururu. Os nativos se assustam. Apresso-me em explicar que não impanzinei. A máquina-digestão bem que responde... Lenta, mas responde... Quanto a espírito, está que é só malinconia...

À noite, serei levado para ver o luar de Areia Preta. Neste ponto, começo a desconfiar que Cascudinho e sua amável trupe começam a exercitar sobre mim, um pouco de sadismo...

Disfarço banzo ao contrário, apoiando-me nos eflúvios da última lapada e ensaio micagens, enquanto passeamos por esta praia de tanta beleza, onde programo morrer um dia. Espaço para isto, sei que vou ter, fiquem tranquilos. Dão Cascudo já conspirou e me garante que não faltará teto para cobrir esse esqueletão paulistano, nos veraneios do futuro.(15)

*

Último dia em Natal. Cabugi ótico, na mesma...

Arrumo as malas e tento me convencer de que não estou triste. Penso em Zé Américo (16) que amanhã, certamente, estarei abraçando, na Paraíba. Penso nos tesouros que irei garimpar por lá...

Formalidade provinciana impõe despedidas oficiais. Submeto-me. Dói, de mistura com um pouco de ridículo que percebo mas não revelo...

Despeço-me do chefe de polícia, do prefeito, do Presidente, do Cristóvão Dantas, do jornal A República, do Adamastor Pinto (17) do Damasceno Bezerra (18), do Jorge Fernandes. À noite, janto no Hotel Internacional. Presidente não pode mas, se faz representar. Eu falo, tu falas, ele fala. Todos juramos eterno amor, não importando longitude ou latitude.Depois, casa do prefeito, farrinha continua...

Luís da Câmara Cascudo, o grande divulgador do modernismo no Rio Grande do Norte. Sem ele não haveria Mário no RN, nem a extraordinária colheita etnográfica que o mesmo realizou, nem sua lição de amor pelo nordeste.

Reprodução: **Múltiplo Mário** (UFPB -/EDUFRN - 1997)

Imagens do tempo passado

Automóvel, 27 de janeiro de 1929

São 6 e 30 e eu parto do Rio Grande do Norte. Vou comprido, com esse desaponto vasto de quem deixa o que quer bem, me prolongando pelas quietudes de Natal.

Saibam todos que parto partido, o espírito insistindo em permanecer, pairando zambeteiramente sobre as águas e dunas desta bendita Natal... De tanto que gozei por aqui, chego a pensar que o destino maldoso está se rindo da minha cara de bobo, desperto do sonho...

Tenho a cabeça dolorida, de tanto que bebi.

Paro numa tristeza de sarapantar.

Sigo por caminhos, agora familiares e até me surpreendo cumprimentando pessoas madrugadeiras, enquanto rodamos pela urbe.

As rodas do auto, cascalhando, é ver o som que se ouve, quando Chico Antonio experimenta o compasso do ganzá, antes de começar a função.

Agora, a máquina-automóvel embica no rumo da Paraíba e eu mais ela. Mais ela. Comigo, um caçuá de anotações e de saudades...

Fim

Foto: Cigarra, março de 29

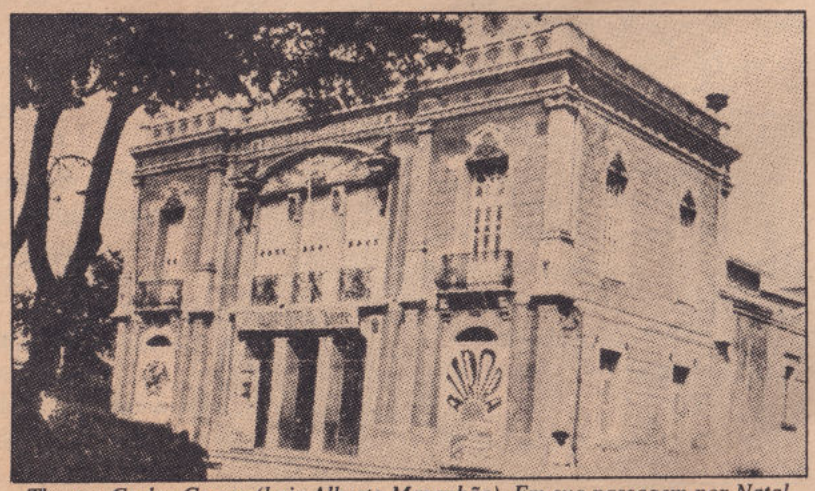
Deste grupo, tendo ao centro Omar O'Grady, vários deram cobertura a Mário em sua passagem pelo RN. Em pé, da esquerda para a direita: Luís da Câmara Cascudo, Nélio Tavares, Anphilóquio Câmara, Alcides Raupp, Hostílio Dantas, Luiz Torres e Antonio Bento. Sentados, na mesma ordem: Cristóvão Dantas, o prefeito e Adauto da Câmara.

Charge publicada em "O Malho" e reproduzida na revista "Província" (FJA - 1974), com o seguinte diálogo:

LAMARTINE - Diz o Eloy que um tal de Victor Hugo já era pelo voto feminino.

TODAS - Entretanto, nós sempre preferimos Lamartine a Victor Hugo!

LAMARTINE - Oh! Eu não mereço tanto...



Theatro Carlos Gomes (hoje Alberto Maranhão). Em sua passagem por Natal, Mário assistiu aí a um filme estrelado por Douglas Fairbanks Jr.

Notas

1) Juvenal Lamartine de Faria. Presidente do Estado, de janeiro de 28 a outubro de 30, quando assume uma Junta Governativa Militar. Polêmico, notabilizou-se por uma visão arrojada dos assuntos administrativos, enfatizando, especialmente a aviação civil e a valorização política da mulher. Os adversários o acusavam de autoritarismo, entre outras coisas.

2) O engenheiro Omar O'Grady, prefeito à época em que Mário visitou Natal, fez uma administração moderna, especialmente no plano urbanístico.

3) Adauto da Câmara, jovem intelectual que viria, depois, a publicar **História de Nísia Floresta** e **O Rio Grande do Norte na Guerra do Paraguai** (1941 e 1951, respectivamente).

4) O Café Majestic é, na época, o alegre reduto dos intelectuais e da boêmia natalense. Tornou-se conhecida uma entidade informal e bem humorada aí existente onde, claro, pontificava o poeta Jorge Fernandes: a Diocésia. (O período está gostosamente descrito no livro de João Amorim Guimarães, **Natal do meu Tempo** (Natal, Departamento de Imprensa, 1952).

5) Viagem efetivamente realizada por Mário (Cf. **O Turista Aprendiz**, Pp. 285/301).

6) Eloy Castriciano de Souza. Na época, político proeminente, dando curso a uma carreira iniciada, ainda muito jovem, como liderado de Pedro Velho. São seus irmãos os poetas Henrique Castriciano e Auta de Souza.

7) Manuel Dantas, caicoense, foi dos mais talentosos jornalistas do início do século. Como Redator de A República, escreveu sobre temas os mais variados, destacando-se, como assinalou C. Cascudo, em sua **História do Rio Grande do Norte** (p. 514) a geografia, a agricultura, as ciências naturais e a cultura, de um modo geral. É autor de uma curiosa conferência futurista, denominada "Natal daqui a cinquenta Anos"

8) Joaquim Ignácio de Carvalho Filho exerceu vários cargos na administração pública, chegando à vice-Presidênciado Estado com Juvenal Lamartine. Profundo estudioso dos problemas estaduais. Sua produção esparsa pelos jornais ou inédita em conferências que proferia, foi recolhida por Vingt-Un Rosado e publicada pela FJA, na administração do poeta Sanderson Negreiros, com o título de **O Rio Grande do Norte em Visão Prospectiva**.

9) Felipe Guerra, foi dos mais importantes estudiosos da problemática da seca no Estado. Em 1909, em parceria com Theóphilo Guerra, publicou o hoje clássico **Secas contra a Seca**, reeditado fac-similarmente pela Coleção Mossoroense, em 1974.

10) Cf. toda a indignação de Mário diante do canteiro de obras abandonado, Pp. 300/301 de **O Turista Aprendiz**.

11) O Rei Alberto, da Bélgica, ao visitar o Brasil, foi recebido com tanta pompa, que até uma fonte luminosa foi construída em sua homenagem.

12) Alusão irônica à ótima imagem criada por Jorge Fernandes, justapondo as palavras sol e Voronoff, ambas ligadas à questão da fecundação. A segunda, por ser o nome de um cientista russo, aloucado, que nos anos vinte defendeu a utilização de glândulas de macaco em homens que estivessem ameaçados de perda da potência sexual.

13) Que, liderados por Getúlio, fizeram a Revolução de 30 da qual, a bem da verdade, Mário não chegou a ser, propriamente, um partidário.

14) O terçol existiu, realmente. (Cf. p. 361 de **O Turista Aprendiz**).

15) Houve, de fato, a doação de um pequeno bangalô. Providência do próprio Lamartine, possivelmente influenciado por Cascudo. Os lances deste episódio curioso com Mário agradecendo, embora viesse a desistir depois, foram resgatados por Veríssimo de Melo. (V. correspondência trocada entre o folclorista e o pesquisador Oswaldo Lamartine, filho do governador, no livro já citado das cartas de Mário a Cascudo).

16) José Américo de Almeida, escritor e político paraibano, autor de **A Bagaceira**, romance que iniciou, na literatura brasileira, o chamado romance regionalista de 30.

17. Adamastor Pinto. Jornalista de A República.

18) Damasceno Bezerra, poeta, boêmio, jornalista, tendo trabalhado no Diário de Natal, órgão católico que circulou nos anos vinte, e em A República, no período em que Mário visita a cidade.

Tarcísio Gurgel é escritor e professor de literatura da UFRN

CORREIO DO GALO

Cabo Branco
julho/97

Caro Nelson

O último O GALO que recebi é o que tem o meu artigo sobre o poeta Luís Carlos Guimarães. Não sei se saíram outros números. Se saíram, não deixe de me enviar. Sou colecionador neurótico.

Mande-me de dez a quinze exemplares, que eu farei a distribuição com os poetas e escritores daqui.

Segue um pequeno texto crítico sobre o grande Sobreire. Espero que goste.

Olhe: está quase tudo certo para o lançamento de minha COMARCA aí em Natal. Lançarei juntamente com Jomard Muniz de Brito (ele tá com um CD). O evento será provavelmente no Bar da Ladeira, Ponta Negra, numa sexta-feira à noite. Avise a turma daí.

Sem mais, um abraço grande

Hildeberto

P.S. Abraços no Pedro Pedro Vicente, na Marize Castro e no Diógenes da Cunha Lima.

OBS:. O GALO informa que o artigo de Hildeberto Barbosa Filho sobre o escritor Francisco Sobreira sairá publicado no número de agosto deste cultural.

JOSÉ LÍVIO DANTAS

Escritor Nelson Patriota
Editor de O GALO

Estimado Editor,

Só agora tenho oportunidade de agradecer, penhoradamente, a remessa dos últimos exemplares de O GALO. Está excelente, esse tablóide, como um dos mais expressivos representantes da média literária brasileira.

José lívio Dantas,
Estrada Leopoldo Fróes, 395/807
São Francisco 24360-000 Niterói, RJ
Tel. 611-7995
Niterói, 20 de julho de 1997

GERAÇÃOALTERNATIVA

O escritor e artista multimídia J. Medeiros lançou no dia 08 de agosto, no Solar Bela Vista, o livro *Geração Alternativa - Antilogia da Poética Potiguar - anos 70/80*. A obra reúne mais de 50 autores,

incluindo desde a poesia concreta e o poema processo, até a arte correio e a poesia visual, a poética dos multimeios, como a art/door, poesia por telefone e livrobjeto, etc. A cronologia visual tem a rubrica de Anchieta Fernandes, e a orelha é assinada por Jomard Muniz de Brito. Estão na *Geração Alternativa*, entre outros, os poetas Adriano de Souza, Augusto Luís, Avelino Araújo, Carlos Gurgel, Bosco Lopes, Carlos humberto, Jarbas Martins, Franklin Jorge, Dácio Galvão, Falves Silva, Jaumir Andrade, João da rua, Marise castro, Moacyr Cirne, Paulo augusto, Palo Procópio, Socorro Trindad, Vicente Vitoriano, Véscio Lisboa e Plínio Sanderson.

IMORTALIDADE & TRAIÇÕES

O poeta Luís Carlos Guimarães lançou no dia 04 de agosto, na Escola de Música da UFRN, o livro *113 Traições Bem-Intencionadas*, obra que reúne o

trabalho de tradução a que o poeta se empenhou nos últimos cinco anos, sobretudo sobre autores de língua espanhola. O francês comparece secundariamente, em termos numérico: cinco poemas de Arthur Rimbaud, e que em nada ficam a dever às traduções recentes de Yvo Barroso. No dia 7, foi a vez de Luiz Carlos Guimarães tomar posse na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. O poeta assumiu a cadeira nº 37, que tem como patrono Jorge Fernandes e que foi ocupada pelo escritor e artista plástico Newton Navarro. Luís Carlos Guimarães foi saudado pelo acadêmico Sanderson Negreiros.

SOBREIRA LANÇA *CRÔNICA*

Será no no dia 26 de setembro, na Capitania das Artes, o lançamento do livro *Crônica do amor e do ódio*, do escritor Francisco Sobreira. São contos enfocando diversos momentos da vida natalense, com destaques para a presença americana na Segunda Guerra Mundial e a ditadura de 64.

ORIANO DE ALMEIDA

O escritor e musicista Oriano de Almeida lançou no dia 5 de agosto, em sessão solene no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, seu livro

Paris... *Nos tempos de Debussy*. O livro integra a Coleção Cultura, do IHGRN, comemorativa do centenário de Câmara Cascudo (1998) e dos 400 anos de fundação da Cidade do Natal (1999).

SBPC

A UFRN já começa a trabalhar na organização e preparação da 50ª reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência-SBPC, que será sediada em Natal no período de 12 a 17 de julho do próximo ano, com a criação de seis comissões: Comissão Organizadora Central; Projetos, Finanças e Comercialização; Marketing e Design; Turismo; Imprensa e Comunicação; Editoração e Impressão.

PRÊMIO JABUTI

O livro Jorge Amado: romance em tempo de utopia, do professor Eduardo de Assis Duarte, e publicado pela UFRN em co-edição com a editora Record, concorre ao Prêmio Jabuti 97, da Câmara Brasileira do Livro, na categoria Ensaio e Biografias. O livro foi lançado em Natal em junho de 1996.

DOSSIÊ INFÂNCIA

Com o lançamento da home page do Sesc-SP (www.sescsp.com.br) no dia 7 último, foi inaugurada oficialmente a edição eletrônica de *Problemas Brasileiras*, uma das publicações presentes no site do Sesc. A revista, que é publicada há 34 anos pelos conselhos regionais do Sesc e do Senac, traz, em sua edição de julho/agosto um dossiê da infância no Brasil. Suas 21 páginas exploram temas como: trabalho infantil, o consumo de crack entre crianças, a influência da TV no comportamento infanto-juvenil, a violência familiar e a importância de Monteiro Lobato, entre outros.

CORRESPONDÊNCIA
RUA JUNDIAÍ, 641-TIROL
NATAL/RN
CEP 590202220 FAX(084)221-0342

FERRO DE RIBEIRA - XILOGRAVURA EMANOEL DUARTE